

O DIÁLOGO

UM DEBATE ALÉM DA MORTE
ENTRE JOHN F. KENNEDY,
C. S. LEWIS E ALDOUS HUXLEY



PETER
KREEFT





O Diálogo

Peter Kreeft

**UM DEBATE ALÉM DA MORTE ENTRE
JOHN F. KENNEDY, C. S. LEWIS E ALDOUS HUXLEY**

mundo cristão

Título do original em inglês:
BETWEEN HEAVEN AND HELL
Originalmente publicado pela Inter-Varsity Press
Downers Grove, Illinois, E.U.A.
Copyright © 1982 por Inter-Varsity Christian Fellowship
(E.U.A.)

Tradução de Wanda de Assumpção
1ª edição brasileira em agosto de 1986
Impresso na Imprensa da Fé, São Paulo, SP.

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO
CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, 04698 — São Paulo, SP, Brasil

Digitalizado por Mestre-X



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

PRÓLOGO

No dia 22 de novembro de 1963, três grandes homens morreram com intervalo de poucas horas um do outro: C. S. Lewis, John F. Kennedy e Aldous Huxley. Todos eles criam, de diferentes maneiras, que a morte não representava o fim da vida humana. Suponha que tivessem razão e suponha que se tivessem encontrado após a morte. Como teria sido a sua conversa? Esta teria feito parte do "Grande Debate" que tem ocorrido por milênios, pelo fato de representarem estes três homens as três filosofias de vida mais importantes de nossa história humana: o antigo teísmo ocidental (Lewis), o moderno humanismo ocidental ¹ (Kennedy) e o antigo panteísmo oriental (Huxley).

Estes três homens representavam também as três versões mais influentes do cristianismo em nossa cultura moderna: o cristianismo tradicional, mais disseminado ou ortodoxo (que Lewis chamava de cristianismo puro e simples ou "mero cristianismo"), o cristianismo moderno ou humanístico (Kennedy), e o cristianismo orientalizado, ou místico (Huxley).

Lewis aceitava o cristianismo de forma pura, ou simples. Ao invés de reinterpretá-lo à luz de qualquer outra tradição, antiga ou moderna, oriental ou ocidental, ele interpretava essas tradições à luz do cristianismo. Assim, a exemplo dos filósofos cristãos medievais, ele usava muito da antiga cultura ocidental, especialmente Platão e Aristóteles, para firmar sua apologética cristã.

Kennedy, conquanto não fosse um filósofo ou teólogo, provavelmente era, de forma geral e vaga, um cristão humanista, no sentido em que esse termo foi definido atrás. Embora não expressasse publicamente suas convicções religiosas pessoais (o que é, em si, uma atitude mais humanista que tradicional: confinar a religião à vida particular), temos provas suficientes para o classificarmos como tal. De qualquer forma, tomo a liberdade literária de

supor que Kennedy tenha sido um cristão moderno típico para estabelecer este trio completo e representativo. O propósito deste diálogo não é a exatidão histórica; o *argumento* é tudo, como o é para o Sócrates de Platão.

O fato de ser Lewis protestante (anglicano) e Kennedy católico é irrelevante aqui. Cristãos tradicionalistas e modernistas podem ser encontrados nas duas igrejas, e as diferenças existentes entre eles é muito mais importante do que a diferença entre o protestantismo e o catolicismo. Bem menos importante do que a infalibilidade *ex cathedra* dos pronunciamentos do Papa, e se são sete ou dois os sacramentos, é a literalidade da divindade de Jesus e a sua ressurreição de entre os mortos.

Nosso terceiro homem, Aldous Huxley, expressou suas crenças religiosas mais profundas em uma antologia de sabedoria mística, *The Perennial Philosophy* ("A Filosofia Perene"), embora seja mais conhecido pelos romances que escreveu. Como Kennedy, ele às vezes usava categorias cristãs para conter uma substância diferente, ao invés de fazer como Lewis, que usava categorias gregas ou modernas para conter substância cristã. No caso de Huxley, a substância era o panteísmo, e ele reinterpretou o cristianismo como uma forma de filosofia universal, "perene", do panteísmo. É uma verdade histórica o fato de estar o gnosticismo de Huxley mais próximo do centro de sua religião do que seu panteísmo; mas tomo novamente liberdades literárias de ênfase para favorecer o argumento no diálogo.

Os eventos de 22 de novembro de 1963 quase parecem ter sido providencialmente arranjados para estabelecer a situação que imaginei neste diálogo: um microcosmo da história intelectual tripartida da humanidade bem como do corrente debate tripartido entre os teólogos cristãos. O triálogo centraliza-se no Centro, a dobradiça de nossa história: seu problema principal é a identidade de Jesus.

O DIÁLOGO

Dia: 22 de novembro de 1963

Local: Entre o Céu e o Inferno

Personagens:

C. S. LewisTeísta

John F. KennedyHumanista

Aldous HuxleyPanteísta

Kennedy: Que lugar dos diabos é este?

Lewis: Você deve ser católico!

Kennedy: Foi o sotaque de Massachussetts² que me denunciou?

Lewis: Foi sim. Ora essa — você não é o Presidente Kennedy? Como foi que você veio parar aqui — onde quer que *aqui* seja?

Kennedy: Ex-presidente, acho: parece que me assassinaram. Quem é você? E — voltando à minha pergunta original — que lugar dos diabos é este?

Lewis: Sou C. S. Lewis. Acabei de morrer, também, e tenho certeza de que você está enganado a respeito deste lugar. Está bom demais aqui para ser a moradia do diabo. Por outro lado, não vi nenhum Deus, você viu?

Kennedy: Não.

Lewis: Então também não pode ser o céu. Será que estamos encalhados no limbo?

Kennedy: Ugh! Você realmente acha isso?

Lewis: Para falar a verdade, estou achando mais que é o purgatório, especialmente se acabarmos saindo daqui e

indo para o céu. Como escritor, especulei um pouco a respeito de lugares assim, principalmente no livro *O Grande Abismo*. Será que o leu por acaso? Não... bem... Mas você deveria conhecer bem esses conceitos, já que é católico romano.

Kennedy: Bem... Eu era mais um católico moderno; nunca esquentei a cabeça com mistérios transcendentais ou mitologia. Estava ocupado demais tentando cuidar do mundo em que vivia para ter tempo para pensamentos escapistas. "Um mundo de cada vez", como disse Thoreau.

Lewis: Já deu para perceber que você estava errado, não deu?

Kennedy: O que quer dizer com isso? Lewis: Ora, primeiro que não é mitologia. É real. Onde quer que estejamos, cá estamos nós, não há dúvidas quanto a isso. E segundo, que a regra *não* é "um mundo de cada vez". Eis-nos aqui, num outro mundo, falando sobre a nossa vida passada na terra. Pelas minhas contas, isso é dois mundos de uma vez. E enquanto estávamos na terra, podíamos pensar sobre este mundo; isso também é dois mundos de uma só vez, não é? E por último, não é escapismo. Na realidade, *não* se ter preparado para esta jornada enquanto estávamos vivendo na terra é que teria sido escapismo, não acha?

Kennedy: Hmm... Suponho que tem razão. Mas olhe! Vem vindo mais alguém. Você consegue ver quem é?

Lewis: Ora, é Huxley! Aldous Huxley. Aldous, seja bem-vindo. Como foi que chegou aqui?

Huxley: Do mesmo jeito que vocês, pelo visto. Acabei de morrer. Ora viva! Kennedy e Lewis! Que boa companhia para se morrer — ou viver, se é isso o que estamos fazendo. De qualquer forma, que lugar é este?

Kennedy: É isso que estamos tentando descobrir. Lewis acha que pode ser algum tipo de limbo ou purgatório. Só espero que não seja o inferno.

Huxley: Bem, estão errados, os dois. É o céu. *Só pode ser o céu.*

Kennedy: Por quê?

Huxley: Porque o céu está *em toda parte*, se apenas seus olhos estiverem abertos para enxergar.

Lewis: Mesmo no inferno?

Huxley: Oh! isto vai ser divertido! Lewis, você não perdeu nem um pouquinho daquele seu pendor impertinente pela investigação socrática, perdeu? Lembrome de que costumava transformar a universidade de Oxford em um senhor vespeiro quando debatia lá na terra, e agora você despachou suas vespas para o céu. É um belo desafio.

Lewis: Então, responda. Se o céu está em toda parte, segue-se que ou o inferno não existe, ou faz parte do céu. Como é que fica a coisa, Aldous?

Kennedy: Por favor, esperem! Antes de decolarem, poderiam oferecer-me algumas garantias quanto a este tipo de debate? Eu também fui polemista, mas nós, os políticos, nos confinamos ao concreto e ao tangível. Não estou nada convencido de que se possa fazer mais do que falar asneiras se se discutir coisas que nunca se viu.

Lewis: Então, você quer alguma espécie de garantia de que existe um método pelo qual realmente se descobre a verdade acerca de coisas que não podemos ver.

Kennedy: Sim. Antes de se decolar, a gente precisa se assegurar de ter um avião que possa voar, e voltar novamente à terra e pousar. Lewis, você disse ter escrito um livro acerca do céu e do inferno. Céus, homem! Que inferno! Como é que pode saber qualquer coisa acerca do céu e do inferno? Por acaso já esteve em algum deles?

Lewis: Estive, sim. Já entrei e saí pelas portas dos fundos dos dois muitas vezes.

Huxley: Sabe, Sr. Presidente...

Kennedy: Por favor, me chame de Jack.

Lewis: Isso vai dar confusão. Jack é como meus amigos *me* chamavam.

Huxley: Vamos dar prioridade à posição. Importa-se se o chamarmos de Lewis?

Lewis: Por favor. O importante aqui é a clareza, não os títulos.

Huxley: Ótimo. Agora, Jack, Lewis falou aquilo acerca do céu e do inferno no sentido espiritual, não literal.

Kennedy: Ah! bom, se é só isso que você quer dizer...

Lewis: Não, espere. Não vamos chafurdar nos atoleiros dos "sentidos espirituais". Usemos as palavras tão literalmente quanto possível. Eu *não* estive no céu nem no inferno de maneira literal.

Kennedy: Está certo. Sendo assim, como lhe é possível saber o que quer que seja acerca deles?

Lewis: Me contaram.

Kennedy: O quê? Que significa isso?

Lewis: Você sabe alguma coisa sobre Tibet?

Kennedy: É claro.

Lewis: Já esteve lá?

Kennedy: Não.

Lewis: Então, como sabe qualquer coisa acerca dele?

Kennedy: Ah! entendi. Contaram-me. Mas isso é *conhecer* apenas se você *acreditar* no que lhe contaram.

Lewis: Exatamente. É isso que se chama de "fé".

Kennedy: E você simplesmente acredita, passivamente, irracionalmente?

Lewis: Não, acredito por boa razão, e depois exploro aquilo em que creio com boa razão.

Kennedy: Certamente não desejo impugnar a sua fé, mas acho que a minha fé é bem diferente da sua.

Lewis: Diferente como?

Kennedy: Você é um desses conservadores teológicos, não é?

Lewis: Depende do significado que você atribui a esse rótulo. Eu sempre achei que *liberal e conservador* fossem termos usados não para se pensar, mas para se evitar pensar. Você pode classificar *qualquer coisa* de liberal ou conservadora, e depois simplesmente declarar-se encaixado em uma ou outra dessas categorias, e todo seu pensamento pelo resto da vida nada mais será do que um movimento reflexo.

Kennedy: Bem, que tal *fundamentalista*, então?

Lewis: E o que é que isso quer dizer? Muita gente associa esse termo a "Não beber, não fumar, não dizer palavrões". Por esse molde, eu *não* fui fundamentalista.

Kennedy: Acho que para mim significa: Você acredita literalmente em tudo o que está na Bíblia?

Lewis: É claro que não. Quando Jesus diz: "Eu sou a porta", não vou ficar procurando a maçaneta dele.

Kennedy: E quando ele fala do céu e do inferno, você procura anjos e demônios de verdade?

Lewis: Sim.

Kennedy: Por quê? Por que não interpretar isso poeticamente?

Lewis: Porque quem falava não o fazia poeticamente.

Kennedy: Como é que você sabe?

Lewis: Ora, é uma questão de bom senso. Veja bem: você acha que alguém, fosse Jesus ou algum dos seus ouvintes, procurou tocar uma maçaneta literal quando ele disse: "Eu sou a porta"?

Kennedy: Não.

Lewis: E quando ele falou acerca do céu e do inferno, você acha que seus ouvintes interpretaram isso poeticamente?

Kennedy: Não. Eles provavelmente não eram sofisticados o bastante para tanto.

Lewis: Jesus era um bom professor?

Kennedy: Claro que sim.

Lewis: Um bom professor leva em consideração as pessoas a quem se está dirigindo, e a provável interpretação que darão às suas palavras?

Kennedy: Sim, é claro.

Lewis: E será que um bom mestre usa linguagem poética deliberadamente sabendo que os seus ouvintes se enganarão e a interpretarão ao pé da letra?

Kennedy: Não.

Lewis: Percebe o que se segue? Era sua intenção que o interpretassem literalmente quando falava da existência do céu e do inferno. Esses lugares são reais. É certo que vamos para um deles por toda a eternidade. Faz uma diferença infinita para qual deles vamos. Certamente, isso é o que ele tencionava que todo mundo apreendesse do que ensinou acerca do céu e do inferno.

Kennedy: Assim, você realmente acredita em um lugar cheio de diabos com chifres e cascos e tudo

o mais? Você, um homem do século vinte?

Lewis: Conforme escrevi em um dos meus livros, não estou certo quanto ao que o tempo tem a ver com isso, e não faço muita questão dos chifres e cascos.

Kennedy: Mas, tirando isso, acredita? Lewis: Sim.

Kennedy: Pois olhe, eu acho muito mais fácil acreditar na bondade do homem do que na maldade de Deus.

Lewis: A *maldade* de Deus?

Kennedy: Sim; você pode imaginar um Deus pior do que o que lança seres humanos no inferno por toda a eternidade?

Lewis: Sim, posso imaginar um Deus muito pior que esse.

Kennedy: E qual é?

Lewis: Um que pusesse no inferno pessoas que *não o merecessem*. Um Deus injusto. Mas o Deus no qual creio não apenas está acima da injustiça, mas também acima da justiça. Ele é puro amor.

Kennedy: Que maravilha! Então, não existe inferno.

Lewis: Não é isso o que se segue.

Kennedy: Por que não? Como poderia puro amor criar o inferno?

Lewis: Não acho que Deus cria o inferno: acho que somos nós que o fazemos, ou talvez os espíritos malignos.

Kennedy: Mas é Deus quem coloca você lá.

Lewis: Outra vez, não. Nós mesmos nos colocamos lá, por livre escolha.

Kennedy: Por que haveria alguém de fazer isso? Quem iria preferir o inferno ao céu se dependesse de sua livre escolha?

Lewis: Todo aquele que achasse Deus incômodo, insuportável. Todo aquele que não suportasse a luz, a verdade.

Kennedy: Você quer dizer que não é uma questão de boas obras de um lado e obras más do outro, uma espécie de contabilidade moral?

Lewis: De forma alguma. Veja o ladrão na cruz. Ele foi para o paraíso muito embora em sua vida os débitos pesassem bem mais que os créditos.

Kennedy: Jamais pensei em nosso destino de outra forma que não fosse uma contabilidade moral.

Lewis: É por isso que jamais acreditou no inferno.

Kennedy: Talvez. Mas ainda não entendo como alguém possa preferir o inferno ao céu.

Lewis: O que você acha que o inferno é? *E* o que você pensa que o céu é?

Kennedy: Como acabei de lhe dizer, nunca pensei muito sobre isso. Suponho que pensava neles do jeito como todo mundo pensa, como recompensas e castigos, prazeres e dores, ventura e tormento.

Lewis: E você não podia compreender por que alguém iria, por livre escolha, preferir o tormento à ventura.

Kennedy: É isso mesmo.

Lewis: Suponha que a ventura não seja uma recompensa anexada a uma vida boa da mesma forma que uma nota é anexada a um curso da escola, mas sim a própria vida boa em sua consumação. Suponha ainda que o castigo também não seja algo externo e anexado, mas interno: a consumação do próprio mal. Percebe aonde isso nos leva?

Kennedy: Penso que sim. Escolhemos o céu ou o inferno *em* toda escolha do bem ou do mal.

Lewis: Exatamente.

Kennedy: Então, era isso o que queria dizer ao falar que já estive no céu e no inferno muitas vezes. Só que agora você está interpretando o céu e o inferno bíblicos poeticamente, não literalmente. Ao invés de ruas de ouro e fogo e enxofre, ao invés de castigos e recompensas físicos, seu céu e seu inferno são estados espirituais. Pensei que você fizesse questão de interpretar o céu e o inferno literalmente.

Lewis: A *existência* deles precisa ser aceita literalmente, da mesma forma que a existência de Deus. Mas a sua *natureza* somente pode ser apreendida por símbolos, do mesmo modo que a natureza de Deus só pode ser apreendida através de símbolos.

Kennedy: Isso mais faz lembrar o meu modernismo que o seu tradicionalismo.

Lewis: Se você conhecesse os escritos dos santos e dos místicos, saberia que minhas interpretações são bastante tradicionais. Vocês, modernistas, tendem a descartar o tradicional sem saber direito do que se trata.

Kennedy: Ainda não estou convencido de que um ser humano normal, racional, iria parar no inferno.

Lewis: Leia o romance, *Descent into Hell* ("Descida ao Inferno"), do meu amigo Charles Williams.

Kennedy: E onde é que vou encontrar uma livraria neste lugar?

Lewis: Touché! Você marcou um ponto! Eu tenho mesmo a tendência a ficar meio distraído às vezes.

Kennedy: Bem, não vamos nos esquecer de onde estamos. Voltando à minha pergunta original, onde estamos? E por que estamos aqui, se isto não é nem céu nem inferno?

Huxley: Talvez seja uma segunda oportunidade.

Lewis: Acho antes que é o lugar e a hora para nos conscientizarmos de nossa primeira oportunidade.

Kennedy: O que você quer dizer com isso? Que primeira oportunidade?

Lewis: As escolhas que fizemos antes na terra.

Kennedy: Não ouvi você dizer que achava que isto era o purgatório?

Lewis: E acho. O que *you* quer dizer com purgatório?

Kennedy: Você realmente gosta de fazer perguntas, não?

Huxley: Ele é o próprio Sócrates reencarnado.

Lewis: Esqueça o elogio e responda à pergunta, faça o favor — isto é, se você realmente quer descobrir onde estamos e o que estamos fazendo aqui. Sabe, eu também não estou certo, e estou fazendo essas perguntas para

esclarecer minhas próprias idéias e descobrir a verdade, e não apenas para vencer um debate com você ou para ensinar-lhe algo que sei e que você não sabe.

Kennedy: Aldous tinha razão. Você parece mesmo Sócrates. Está bem, tentarei responder à sua pergunta. O que quero dizer com purgatório? Nunca pensei muito sobre isso. Mas a maioria dos católicos acreditava que era um lugar aonde se tinha de ir para sofrer pelos pecados. O que você acha?

Lewis: Tenho a impressão que essa idéia não está totalmente errada, mas também não está totalmente certa. Acho mais provável que o purgatório seja antes um lugar de instrução do que de sofrimento — uma espécie de "aulas de recuperação" de sua vida terrena. Como tal, é realmente a antecâmara do céu, não um outro lugar. Assim, acho que estamos sendo preparados para as profundezas do céu, se isto é o purgatório.

Kennedy: Espero que você esteja certo.

Lewis: Por quê? Você está com medo de que estejamos naquele outro lugar?

Kennedy: Francamente, não estou tão preocupado com a possibilidade de estarmos no inferno como com o fato de você crer no inferno. Para mim, a primeira parece bem remota, mas o segundo, parece bem presente e ameaçador.

Lewis: Por que você acha o fato de eu crer no inferno ameaçador se você não acha o inferno em si ameaçador?

Kennedy: Pela mesma razão que você acharia ameaçadora a crença em bruxas mesmo que não acreditasse nisso.

Lewis: Entendo. Isso perturba sua mente ou suas emoções?

Kennedy: O que quer dizer?

Lewis: Quero saber se o que o perturba é o meu erro intelectual ou meus motivos para acreditar no inferno.

Kennedy: O segundo. **Lewis:** Foi o que pensei.

Kennedy: Como pode um homem correto, inteligente e bondoso como você acreditar em um lugar de tormento eterno? Será que é um sádico disfarçado? Lewis: Se a mãe grita para o filhinho sair da rua porque vem vindo um caminhão, ela é sádica?

Kennedy: Claro que não.

Lewis: Mas ela acredita no caminhão « na ameaça que ele representa.

Kennedy: Sim, mas ela não *deseja* que ele ameace seu filhinho. Ela não inventa uma coisa apavorante dessas.

Lewis: Exatamente. E nós não queremos que o inferno exista. Nós não o inventamos.

Kennedy: Então, por que você acredita?

Lewis: É uma doutrina da fé. A igreja sempre a ensinou. A Bíblia a ensina. Jesus a ensinou de maneira inequívoca.

Kennedy: Então, você aceita esta coisa terrível pela fé.

Lewis: Sim.

Kennedy: Simplesmente porque foi o que lhe disseram.

Lewis: No começo, sim. Mas depois, investigando o que me disseram — o que *nos* disseram, Jack — com minha mente e minha imaginação, descobri que é algo que se impõe à minha razão e um desafio à exploração por parte de minha imaginação racional.

Kennedy: "A fé em busca da compreensão".

Lewis: Sim, é um empreendimento muito antigo. Agostinho, Aquinas, Dante, Milton...

Kennedy: E você principia com a fé.

Lewis: Sim.

Kennedy: E você acredita primeiro simplesmente com base na autoridade, e somente mais tarde tenta provar parte disso.

Lewis: Sim.

Kennedy: Em outras palavras, você entrega sua mente à igreja.

Lewis: Não, por dois motivos. Antes de tudo, não a minha mente, mas a minha vontade, e não à igreja, antes de tudo, mas a Deus. Mas o Deus a quem digo: "Seja feita a tua vontade", replica: "É minha vontade que você creia naquilo que lhe revelei."

Kennedy: Por meio da igreja?

Lewis: Por meio da igreja e das Escrituras, qualquer que seja seu inter-relacionamento apropriado. Eu preferia não entrar em toda essa problemática católico-protestante agora.

Kennedy: Por quê? Para evitar magoar alguém?

Lewis: Puxa! Não é nada disso. Espero que somos todos pelo menos amadurecidos o bastante para não termos de nos preocupar com isso. Estamos tentando descobrir a verdade, e não humilhar um ao outro.

Kennedy: Por quê, então?

Lewis: Por dois motivos. Primeiro, porque sempre que escrevi qualquer tipo de apologética lá na terra, evitei cuidadosamente essa questão por crer que Deus me colocara para trabalhar nas linhas de frente, onde o cristianismo enfrenta o mundo, e não por trás delas, onde uma guerra civil assola os cristãos. Minha tarefa era a de defender o "cristianismo puro e simples", e não qualquer igreja em particular. Segundo, porque nenhum de nós dois é uma amostra representativa: eu sou mais católico que a maioria dos protestantes, especialmente no que toca à igreja, tradição e autoridade; e você é mais protestante do que a maioria dos católicos, desenfaticando justamente essas coisas — se não estou enganado.

Kennedy: Não, não está enganado. E acho que devemos discutir a autoridade como tal ao invés do inferno,

pois é com base na autoridade que você acredita no inferno — bem como em muitas outras coisas.

Lewis: Está bem.

Kennedy: Mesmo assim, sinto que realmente estou-me arriscando, debatendo com um teólogo profissional.

Lewis: Eu *não* sou um teólogo profissional. Mas um debate real, um debate para se chegar à verdade e não para vencer o oponente, parece ser a coisa certa para se fazer aqui — como se tivéssemos sido trazidos aqui justamente para esse fim. Você também não está com essa sensação?

Kennedy: Estou sim, e bem forte. Lewis: Aldous, estamos deixando você de fora. Você também tem essa sensação?

Huxley: Sim, e gostaria de continuar só ouvindo mais um pouco, se vocês não se importarem. No que diz respeito à autoridade, acho que estou com o Jack Kennedy; mas estou com você, Lewis, por ser um tradicionalista. Minha tradição, contudo, é mais ampla que a sua. Ela abrange tudo o que chamo de "a filosofia perene"...

Lewis: Furtando assim um epíteto aos cristãos medievais...

Huxley: Que não merecem direitos exclusivos sobre ele! A verdadeira filosofia perene se reporta aos Vedas hindus. Mas eu gostaria de guardar ainda um pouco o meu ás e ver como Jack se sai contra você, Lewis. Entrarei um pouco mais tarde, e estou quase certo que será do lado do Jack.

Lewis: Isso me deixa duplamente feliz: que os dois *debaterão* comigo e que os *dois* debaterão comigo.

Kennedy: São dois contra um. Isso não o assusta?

Lewis: A vantagem está sempre do lado da verdade.

Huxley: Cuidado com esse homem, Jack. Ninguém jamais conseguiu intimidá-lo em debate. Ele é um G. K. Chesterton, um George Bernard Shaw.

Lewis: Agradeço, mas a comparação é duplamente inexata.

Huxley: Pronto! Lá vai ele de novo! Lewis: Primeiro, que Shaw e Chesterton foram gigantes; segundo, que eles eram espirituosos. Eu não sou nem uma coisa nem outra.

Kennedy: O que você é, nesse caso?

Lewis: Apenas um cristão comum, tentando pensar com clareza.

Huxley: Está vendo só, Jack? Ele é um Sócrates. Falsa humildade!

Lewis: Falsa, não.

Huxley: Então você é humilde de fato, hein? E orgulha-se disso, sem dúvida!

Kennedy: Vocês ingleses não poderiam parar com essa graça e começar o debate? Estou ansioso para ouvir a defesa que Lewis fará da autoridade.

Huxley: Pode começar, Lewis. Prometo ser um ouvinte silencioso por algum tempo.

Lewis: Por favor, pode entrar à hora que quiser. Bem, eu prefiro não defender a autoridade em geral; somente a autoridade pela qual creio no céu e no inferno, que foi a questão com a qual começamos. Essa autoridade é a autoridade de Jesus Cristo. Não é a *autoridade* e sim *Cristo* que é o centro de minha fé, e se chegarmos a sair deste lugar e ir para o céu, será Ele o caminho para sairmos daqui e entrarmos lá. Assim sendo, a questão de Cristo tem a primazia, tanto teórica quanto praticamente.

Kennedy: Eu também creio em Cristo, mas não me sinto à vontade com o conceito de autoridade em relação a Ele. Ele não disse que a Sua única autoridade era o amor?

Lewis: Onde está registrado que Ele falou isso?

Kennedy: Bem... algo parecido, de qualquer forma. O ponto aqui é que eu também sou cristão, mas de um tipo diferente do seu, e acho que mais amadurecido — um que

não requer tanta dependência de autoridade como você faz. Talvez se tivesse sido presidente alguma vez também viria a desconfiar da autoridade.

Lewis: Você já não desconfiava da autoridade *antes* de passar a tê-la?

Kennedy: Bem... sim.

Lewis: Por que você tem essa desconfiança em relação à autoridade?

Kennedy: Por parecer uma fuga, uma entrega de sua mente a outrem, um pulo às cegas no escuro, uma muleta, um retorno ao ventre materno. É a maneira fácil de permitir que os outros lhe digam o que pensar.

Lewis: Você realmente acha que é esse o motivo por trás de minha aceitação da autoridade de Cristo?

Kennedy: Não alego julgar você e seus motivos pessoalmente, Lewis, mas, sim, esses me parecem, em geral, os motivos para o autoritarismo.

Lewis: Vamos deixar isso de lado por ora, em lugar de nos aprofundarmos na psicanálise. Vamos supor que esses *tenham sido* os meus motivos (não estou dizendo que são); isso leva você a concluir que minhas crenças antiquadas não são verdadeiras?

Kennedy: Se essas forem as únicas razões pelas quais você acredita, sim.

Lewis: Isso não é falácia genética?

Huxley: Isso significa determinar a veracidade ou falsidade de uma idéia por sua origem, sua gênese.

Kennedy: Eu sabia isso. Sabe, eu estudei na Universidade de Harvard. Nem tudo a oeste de Oxford é terra de índio.

Huxley: Desculpe. Estava só tentando ajudar.

Lewis: E então, você não *cometeu* a falácia genética?

Kennedy: Para falar a verdade, não estou certo de que seja uma falácia. Se eu acreditasse em alguma coisa sem ter uma boa razão, não seria o bastante para que você descontasse a minha crença?

Lewis: Mas isso não a *invalida*. Uma idéia é falsa apenas por deixar de corresponder à realidade, e verdadeira apenas por corresponder à realidade, e não devido à sua origem psicológica. Eu posso chegar a uma idéia verdadeira através de um meio não-racional.

Kennedy: Então, você admite que a autoridade é irracional.

Lewis: Não admito, não. Eu posso ter uma boa razão para confiar na minha autoridade.

Kennedy: Também não gosto da simplicidade da sua definição da veracidade de uma idéia. Não acho que se possa definir a verdade de qualquer maneira simples, como "correspondência à realidade". Todo tipo de problema se esconde por trás dessas abstrações polissilábicas.

Lewis: Quer que eu a coloque em palavras mais simples e concretas de uma só sílaba?

Kennedy: O quê? **Lewis:** A verdade.

Kennedy: Você quer dizer que definirá a verdade com palavras monossilábicas?

Lewis: Exatamente. Não é invenção minha, de jeito nenhum. Isso já vem desde Aristóteles e não é nada difícil.

Kennedy: Está bem, vamos ver qual é esta definição nada difícil da verdade em palavras de uma sílaba só. **Lewis:** Aqui vai. Se alguém disser que o que é, é, e o que não é, não é, essa pessoa fala a verdade; mas se alguém disser que o que é, não é, e o que não é, é, essa pessoa não fala a verdade.

Kennedy: Incrível!

Lewis: Porém verdadeiro.

Kennedy: E é mesmo. Uma obra prima de simplicidade.

Lewis: Alegro-me por ver que você reconhece o toque de gênio. E a verdade.

Kennedy: Mas mesmo que eu saiba o que é a verdade, ainda não sei por que a falácia genética é uma falácia.

Lewis: Porque uma idéia verdadeira ainda pode ter uma causa não racional.

Kennedy: Dê-me um exemplo.

Lewis: Com prazer. A maioria das pessoas na Idade Média aceitava as duas idéias de que a Terra era redonda e de que o universo era incrivelmente enorme apenas devido à autoridade de Ptolomeu, da mesma forma que aceitavam a idéia de que o Sol revolia em torno da Terra, ao invés de a Terra revolver ao redor do Sol por causa de Ptolomeu, não por terem provado isso por si mesmos. No entanto, as duas primeiras idéias eram verdadeiras, ao passo que a terceira era falsa.

Kennedy: Espere um minuto. Esse exemplo não é falso? Na Idade Média, todo mundo não pensava que a Terra era plana? E que o universo era pequenino e aconchegante? Não foi a ciência moderna que devassou o universo e fez com que ficasse tão difícil de acreditar num plano divino providencial para esta planetinha remoto?

Lewis: Desculpe, Jack, mas você está simplesmente mal informado acerca disto. A maior parte do mundo moderno está, sabe? Quase todo aluno aprende o que ensinaram a você, e isso simplesmente não é verdade.

Kennedy: Você pode provar isso?

Lewis: Sim. Leia o *Almagest* de Ptolomeu, Livro I, seção 5. Ele é o texto de astronomia cuja autoridade, todo mundo aceitava na Idade Média.

Kennedy: Olhe que isso é um choque para mim, e eu estudei em Harvard. De qualquer forma, o ponto que este seu exemplo tenta provar é...?

Lewis: Que você não pode decidir se uma idéia é verdadeira ou falsa simplesmente por saber que alguém que a aceita o faz por motivo racional ou não racional. Mesmo você achando que a autoridade é um motivo não racional para se aceitar uma idéia, a idéia em si pode ser verdadeira, do mesmo modo que as duas primeiras idéias de Ptolomeu eram.

Kennedy: É claro. Entendo. Mas o certo ainda parece ser desconfiar de sua fácil dependência da autoridade. Acho que você faz isso porque precisa de uma muleta intelectual — uma mãe substituta, talvez. Você não perdeu a sua quando ainda era bem jovem?

Lewis: Sim, e eu poderia igualmente argumentar que você detesta a autoridade devido à exasperação de ter de viver sob a tutela de seu pai autoritário. Está vendo, dois podem jogar esse jogo, e as suspeitas pessoais simplesmente se anulam mutuamente. Resta-nos apenas o assunto objetivo.

Kennedy: Vamos a ele, então. Justifique a argumentação baseada na autoridade.

Lewis: Quero primeiro estabelecer a diferença entre a autoridade humana e a divina. Embora respeite a autoridade humana, não quero basear nela meu argumento como se fosse uma premissa incontestada. Um chavão entre os filósofos medievais era...

Kennedy: Aqueles ditadores!

Lewis: Muito pelo contrário. O chavão era: "O argumento baseado na autoridade é o mais fraco dos argumentos."

Kennedy: Os *medievais* disseram isso?

Lewis: Sim. Eles eram bastante racionais, ao contrário da superstição popular corrente acerca deles.

Kennedy: O que eles queriam dizer com autoridade?

Lewis: Não o que a maioria das pessoas hoje quer dizer, isto è, poder. Obviamente, o uso do poder para

resolver uma discussão é uma falácia. Isso é chamado de o *argumentum ad baculam*, ou seja, o "argumento do báculo". O argumento baseado na autoridade pode ser fraco, mas é um argumento e não uma falácia, porque autoridade não significa poder.

Kennedy: Então, o que significa?

Lewis: A raiz da palavra quer dizer o que é "certo, baseado na origem". É o autor quem tem autoridade, os direitos autorais. A autoridade de Cristo (é a respeito dela que estamos falando, não é?) está baseada na identidade dele como Autor divino do mundo. O Autor entrou na história como um de seus personagens.

Kennedy: É isso que não consigo engolir essa teologia fora de moda que diz que Deus desceu do céu como um meteoro.

Lewis: Muito bem, então. Vamos ser bem específicos. Quem é Jesus, de acordo com a sua fé?

Kennedy: O homem-ideal; o homem tão perfeito e sábio que seus seguidores diziam que ele era divino. Não Deus que se fez homem, mas o homem que se fez Deus.

Lewis: Um resumo, muito bem feito da cristologia humanista; mas você acha que isso é *cristianismo*?

Kennedy: O cristianismo antigo, não; o cristianismo moderno, sim. A única forma em que o homem moderno pode crer sem pôr de lado sua honestidade intelectual. Ouvi certo pregador expressar esse dilema da seguinte maneira: você pode ser um cristão honesto, ou inteligente, ou do tipo medieval, ou quaisquer dois desses três, mas não os três. O que me diz disso?

Lewis: Brilhante, mas essa mesma farpa pode ser usada para ferir qualquer um. Posso dizer que se pode ser honesto, ou inteligente ou modernista, ou quaisquer dois dos três, mas não os três. A questão essencial, independente da sutileza do debatedor, é a identidade de Jesus Cristo. Vamos nos concentrar sobre esse ponto.

Kennedy: Está bem. Quem é Jesus?

Lewis: Deus que se fez homem.

Kennedy: Literalmente?

Lewis: Sim.

Kennedy: Como é que pode, você, um homem culto do século vinte, assumir uma posição assim tão antiquada?

Lewis: Diferente da sua, nova e moderna?

Kennedy: Sim.

Lewis: Por um lado, sua nova posição é mais velha que andar para a frente. Ou, pelo menos tão velha quanto Ário.

Kennedy: Quem?

Lewis: Ário, um herege do século quatro que carregou consigo metade da igreja, mesmo após o Concílio de Nicéia ter tratado do assunto, afirmando clara e vigorosamente a divindade de Jesus. A mesma coisa está acontecendo hoje de novo com o modernismo e o humanismo. Seu cristianismo, que você chama de novo, nada mais é que a antiga heresia ariana em roupagem moderna.

Kennedy: Olhe aqui, não vamos começar a trocar insultos.

Lewis: Não o insultei de forma alguma; o que fiz foi dar nome certo à sua posição.

Kennedy: Gostaria que você parasse de usar rótulos como esse de *herege*.

Lewis: Usei o rótulo de *heresia*, não *herege*. A posição, não a pessoa.

Kennedy: Ah! Entendi. A antiga distinção entre "odiar o pecado e amar o pecador".

Lewis: É isso mesmo.

Kennedy: Ainda assim, gostaria que pudéssemos evitar esse rótulo.

Lewis: Por quê?

Kennedy: Ele é... tão... tão antiquado. Tão retrógrado. Tão medieval. Tão primitivo.

Lewis: Jack, para saber que horas são, você usa um argumento?

Kennedy: O quê?

Lewis: O que eu disse foi: você usa um argumento para saber que horas são?

Kennedy: Mas o que é que você quer dizer com isso?

Lewis: Quando você quer saber que horas são, para que você olha: um argumento ou um relógio?

Kennedy: Um relógio, é claro.

Lewis: E para que é que você usa um argumento, se não é para saber as horas?

Kennedy: Para provar alguma coisa, ora essa. Ou, pelo menos, para tentar provar.

Lewis: Algo falso ou algo verdadeiro?

Kennedy: Algo verdadeiro.

Lewis: Então, você usa o relógio para saber as horas e um argumento para saber a verdade.

Kennedy: Entre outros meios, sim.

Lewis: E não vice-versa?

Kennedy: Não.

Lewis: Mas você estava tentando usar o relógio para saber a verdade agorinha mesmo.

Kennedy: O relógio para saber a verdade?

Lewis: Quando quero refutar uma idéia, tento provar que ela é *falsa*. Seu argumento contra minha idéia de que sua crença era heresia foi apenas o de que minha idéia era *antiga*. *Antiquada*, foi o que disse. *Medieval* e *primitiva* foram outros dois termos que usou. Todas essas palavras estão ligadas ao relógio, ou ao calendário. (Afinal de contas, os

calendários nada mais são do que relógios grandes e compridos.)

Kennedy: Estou vendo que Aldous fez bem em me prevenir contra você! Muito bem, meu amigo.

Se deseja ser tão lógico, eu o desafio: prove logicamente para mim que Jesus é Deus e não um mero homem.

Lewis: Está bem.

Kennedy: O quê?

Lewis: Eu disse apenas: "Está bem." Por que tanta surpresa?

Kennedy: Pensei que você fosse dizer algo sobre mistérios e fé e autoridade e a igreja. Quer dizer que vai tentar chegar à velha fé através da *razão*?

Lewis: Eu não; eu já cheguei lá. Mas levar você, talvez.

Kennedy: Você chegou a ela através da razão? Você chegou à sua crença apenas através da razão?

Lewis: *Apenas* da razão? Claro que não. Mas eu raciocinei antes de crer. E depois que eu também passei a crer — isto é, uma vez que acreditei, fui convencido pela forma como a razão confirmava a fé. Ela não podia provar *tudo*, mas podia oferecer fortes argumentos para muitas coisas, e podia responder a todas as objeções.

Kennedy: *Todas* as objeções?

Lewis: Certamente.

Kennedy: Isso me parece bem arrogante. Quem é você para responder a todas as objeções?

Lewis: Não, não. Não estou dizendo que *eu* posso responder a todas as objeções, mas que a *razão* pode — que todas as objeções são refutáveis.

Kennedy: Por que pensa assim?

Lewis: Se a verdade é uma só, se Deus é o autor de toda a verdade, tanto a verdade da razão quanto a verdade

da fé (estou falando da revelação divina), então não pode jamais haver um argumento contra a fé que seja eficaz, irrefutável. A fé pode ir além da razão, mas não pode jamais simplesmente contradizer a razão.

Kennedy: Que posição mais estranha! Tanta fé na razão!

Lewis: Justino o Mártir, Clemente de Alexandria, Santo Agostinho, Santo Anselmo, São Tomás de Aquino... Kennedy: O que é isto? Uma chamada? Lewis: Somente alguns nomes do passado que ensinam esta "posição mais estranha". Foi a posição principal por mais de mil anos, antes da atual perda de fé em tudo, inclusive na razão.

Kennedy: Estou simplesmente abismado. Cá estou eu, face a face com um dinossauro.

Lewis: Você vai argumentar pelo relógio de novo?

Kennedy: Não. Usarei a sua arma, a lógica, para o duelo. Pode argumentar à vontade!

Lewis: Não é *minha* arma. A lógica não tem dono. Nessa área, nossos direitos são absolutamente iguais, Sr. Presidente.

Kennedy: Mais um ponto para você. Eu sabia que era suicídio argumentar com um polemista.

Lewis: Não é para *mim* o ponto, Jack, mas para a verdade. Para mim, a única razão para este debate é não eu ou você ganharmos, mas sim a verdade sair vencedora; não para ver *quem* é verdadeiro, mas sim *o que* é verdadeiro. De fato, não argumentarei "à vontade" a menos que você esteja de acordo comigo nisto.

Kennedy: Estou sim.

Lewis: Que bom. Eu sabia que tinha diante de mim um homem honesto.

Kennedy: Naturalmente.

Lewis: Não, não "naturalmente". A honestidade é muito difícil, e muito rara e muito preciosa.

Kennedy: Tenho de concordar. Conheço psicologia o bastante para saber que os mecanismos de auto-ilusão são muito, muito hábeis. Mas vamos ao argumento essencial que você prometeu. Você disse que provaria que Jesus era divino.

Lewis: Sim. O argumento não é originalmente meu. A bem da verdade, a maior parte do que pensei e escrevi também não é. Sou um anão em pé sobre os ombros de gigantes, como diziam os medievais. Essa é a chave para uma visão hipermetrópica: bons professores. Meus professores neste caso são alguns dos cristãos primitivos, e este foi um dos primeiros argumentos que eles usavam em sua apologética. Para mim, este é o argumento mais importante em toda a apologética cristã.

Kennedy: Por quê?

Lewis: Porque prova a divindade de Cristo; e essa é a doutrina centralmente importante por dois motivos.

Kennedy: Que são...

Lewis: Primeiro, o princípio da chave-mestra: ela abre todas as outras portas doutrinárias.

Kennedy: Quer dizer que, uma vez que se creia nisso, todo o restante se encaixa?

Lewis: Não, tudo o que *ele* diz se encaixa. A maioria dos cristãos ortodoxos como eu acredita em todas as doutrinas de sua fé não por estarem calcados em seu próprio raciocínio ou por experiência pessoal de cada doutrina separada (pelo menos, não a princípio: a razão e a experiência podem confirmá-las, ou algumas delas, mais tarde), mas calcados na autoridade de Cristo.

Kennedy: Você está falando daquela mania protestante? Só eu e Jesus?

Lewis: Isso é uma digressão, e nem mesmo é muito exata. Uma digressão do "cristianismo puro e simples" que estamos discutindo, e inexata porque a maioria dos protestantes não limita a religião ou a autoridade religiosa a

"só eu e Jesus". Eles acreditam que a autoridade de Cristo chega até eles primeiro através das Escrituras e depois através da igreja, ao passo que os católicos invertem essa ordem, argumentando que a igreja escreveu as Escrituras. Mas assim estamos nos afastando de nossa questão principal.

Kennedy: Isso mesmo. Você falou de *duas* razões pelas quais a divindade de Cristo é central. A primeira foi aquela da chave-mestra. Qual é a segunda?

Lewis: O destino da vida humana está em jogo.

Kennedy: Como assim?

Lewis: Este é obviamente um enorme problema. Tentarei resumi-lo e simplificá-lo. Começamos com o princípio básico da causalidade: você não pode dar o que não tem — ou, o que quer que seja que esteja presente no efeito, tem de se encontrar também na causa. Você concorda com esse princípio?

Kennedy: Claro. Saiba que eu também estudei filosofia.

Lewis: Jamais subestimei sua capacidade mental. Bem, se Cristo não é divino, não pode dar divindade ou vida divina, pode?

Kennedy: Não. Mas não é essa a função dele. Sua função é a de ser a vida humana perfeita.

Lewis: E nesse caso, o destino humano é simplesmente o de ser humano, e não o de ser transformado, levado nos movimentos da dança divindade-e-humanidade em uma.

Kennedy: Não dá para você dizer isso menos poeticamente?

Lewis: Sim. Nascemos para nos tornarmos grandes homens ou pequenos deuses?

Kennedy: Percebo o problema. Mas sou basicamente humanista; para mim, a idéia de um ser humano atingir a divindade é mitologia, apropriada para um grego antigo mas

não para um homem moderno. Não. Não estou argumentando pelo relógio de novo, mas você ainda não provou que Jesus era divino.

Lewis: "Era divino", não; "é divino".

Kennedy: Está bem. Uma questão de exatidão gramatical.

Lewis: Não, a questão é crucial. Não é mero problema de palavras, ou de tempos verbais certos.

Kennedy: Explique.

Lewis: A vida divina é imortal. Um Cristo divino não está morto; ele não está no passado morto, mas vivo no presente vivo. Penso que os anjos que estavam no sepulcro vazio daquela manhã de Páscoa falaram não somente às mulheres que foram procurar ali o corpo de Jesus, mas a todos os cristãos modernos como você desde então até hoje ao perguntarem: "Por que buscais entre os mortos ao que vive?"

Kennedy: Acredito que ele ainda esteja vivo, da mesma maneira que Sócrates e César e Lincoln ainda estão vivos — no espírito de todos os seus seguidores.

Lewis: O cristianismo insiste em mais que isso. Ele está vivo da mesma maneira que você e eu estamos vivos. Tão verdadeiramente vivo e presente quanto eu.

Kennedy: Então, onde está ele? Mostre-mo.

Lewis: Você acha que o guardo no bolso, que posso tirá-lo dali para exibi-lo à hora que você quiser?

Kennedy: Então, como é que você vai poder provar que ele está vivo, e é imortal e divino? Você é um mero homem, raciocinando com meras palavras acerca de uma pessoa ausente e invisível que morreu há muitos séculos.

Lewis: O problema do *como* é outra digressão. É toda a questão da metodologia. A maior parte da filosofia do século passado apegou-se a essa digressão, a "perguntas secundárias", a perguntas acerca de perguntas, perguntas

sobre como provar as coisas em lugar de perguntas acerca de coisas reais.

Kennedy: Acho que minha pergunta é honesta e legítima, e exijo uma resposta.

Lewis: A única resposta é a própria prova. A única forma de mostrar que alguma coisa é possível, e como é possível, é mostrando que realmente existe. A única maneira de provar que algo pode ser provado é provando.

Kennedy: Prove, então. Chega de digressões.

Lewis: Aut deus aut homo malus.

Kennedy: Que é isso? Estamos falando em línguas estranhas agora ou o quê?

Lewis: É essa a minha prova, ou pelo menos o seu resumo. É latim e quer dizer...

Kennedy: Eu sei. Estava só brincando. "Ou Deus ou um homem mau." Mas, como é que isso é uma prova?

Lewis: Vamos examinar a lógica dessa asserção. A primeira premissa é a de que Cristo deve ser Deus, conforme ele diz ser, ou um homem mau, se não é quem diz ser. A segunda premissa é a de que ele não é um homem mau. A conclusão é a de que ele é Deus.

Kennedy: A forma lógica parece ser correta, mas por que devo aceitar qualquer uma dessas premissas?

Lewis: Quanto à segunda premissa, até mesmo seus oponentes geralmente não dizem que ele era um homem mau. Eles tentam fazer parecer que ele foi apenas um homem bom a quem seus discípulos "divinizaram". Mas a primeira premissa declara que "apenas um homem bom" é a única coisa que ele não podia de forma alguma ter sido.

Kennedy: Por quê? Prove a primeira premissa. Aí está o xis da questão. A segunda não é tão importante.

Lewis: Certo. Considere isto: Cristo *reivindicou* ser o "Filho de Deus". Lembre-se do que está subentendido nisso.

Kennedy: O quê?

Lewis: Qual é a coisa mais importante que um pai dá ao filho?

Kennedy: Amor, eu acho.

Lewis: Tente de novo.

Kennedy: Educação? Cuidado? Tempo?

Lewis: Tudo isso só pode ser dado se o dom principal tiver sido dado primeiro.

Kennedy: Você está falando da existência.

Lewis: Sim. E que tipo de existência?

Kennedy: Existência humana, naturalmente.

Lewis: Sim. Existência humana, vida humana, natureza humana. Os pais humanos dão *humanidade* aos filhos. E que os pais ostras dão aos rebentos ostras?

Kennedy: Natureza de ostra.

Lewis: Uma dedução brilhante! E os pais lobos dão natureza de lobo aos filhotes lobos. E os pais marcianos dão natureza marciana. Assim, o filho de uma ostra é o quê?

Kennedy: Uma ostra.

Lewis: E o filho de um lobo é...

Kennedy: Um lobo. E o filho de um marciano é marciano.

Lewis: E o Filho de Deus?

Kennedy: É, estou vendo. O título parece mesmo indicar divindade, não é?

Huxley: Você está entregando os pontos com muita facilidade, Jack. Na realidade, o termo *filho de Deus* é usado às vezes na Escritura para referir-se às criaturas. Os anjos são chamados de filhos de Deus em alguns lugares, e todos os cristãos são chamados de filhos de Deus.

Lewis: Vamos ver algumas das outras coisas que Jesus disse que mais claramente reivindicam divindade?

Kennedy: Antes de examinarmos isso, gostaria de esclarecer bem a lógica do argumento. Suponhamos que Jesus realmente se tenha arrogado a divindade. Isso não prova que ele era divino. Muita gente reivindica coisas que não lhe pertencem.

Lewis: Mas um mero homem que afirmasse ser Deus não seria um homem bom, você não percebe?

Kennedy: Hummm. O que ele seria, de acordo com o seu modo de pensar?

Lewis: Um homem mau, exatamente como diz o argumento.

Kennedy: Suponha que ele estivesse simplesmente confuso?

Lewis: Então ele seria intelectualmente mau. Veja, ou ele acredita em sua afirmação de que é Deus, ou não acredita. Acredita-se, então é intelectualmente mau — muito mau, de fato, porque essa é uma confusão bem grande! E se *não* acredita no que afirma, então é moralmente mau: um impostor e blasfemador terrível.

Kennedy: Bom, e quais são todas as possibilidades?

Lewis: Um homem intelectualmente mau, um homem moralmente mau, um bom homem ou Deus. Em outras palavras, demente, blasfemador, um cara bonzinho ou Deus. E a única coisa dessas quatro que ele não pode ser, de forma alguma, é a terceira delas. Mas é isso o que você e milhões de outros humanistas acham que ele foi.

Kennedy: O argumento é certinho demais. Simplesmente não consigo tolerar esse modo preto-e-branco de pensar.

Lewis: Esse é um fato psicológico interessante acerca de seu temperamento pessoal, mas não refuta meu argumento, sabe? Não se responde a um argumento dizendo que não se gosta dele, ou que não se gosta de argumentos, ou que não se tolera a clareza.

Kennedy: Não é a clareza que não tolero. É o modo preto-e-branco de pensar.

Lewis: Esse segundo não é apenas uma maneira poética de se dizer o primeiro? O que você quer dizer com modo preto-e-branco de pensar se não clareza?

Kennedy: Que ele simplesmente não é relevante para o mundo. O mundo real é cinzento. Não há absolutos, não há preto ou branco.

Lewis: Você não respondeu à minha pergunta, mas deixarei isso passar. Aparentemente, você está falando *mesmo* de "clareza" quando fala de "modo preto-e-branco de pensar". E dizer que "não há absolutos" parece uma asserção bem absoluta. Finalmente, acho que posso convencê-lo de que *há* algumas coisas que são pretas ou brancas.

Kennedy: Quero só ver. Diga uma.

Lewis: Direi duas.

Kennedy: Verdade?

Lewis: Sim. O preto e o branco.

Kennedy: Isso é só um truque.

Lewis: Não é, não. É o mesmo que dizer que "não há absolutos". Uma coisa contradiz a outra. Não pode ser verdade.

Kennedy: Mas todos aqueles tons cinzentos...

Lewis: O que é o cinzento senão a combinação do preto e do branco?

Kennedy: Mas estamos discutindo uma pessoa, não cores. A ilustração não é relevante.

Lewis: Concordo.

Kennedy: O quê?

Lewis: Concordo. Foi você que a introduziu, não eu.

Kennedy: O que quero dizer é o seguinte: como pode falar acerca de uma pessoa em categorias tão rígidas, extremas e alternativas?

Lewis: No caso dele, a gente tem de fazer isso. Ele nos força a tomar uma de duas posições extremas pela reivindicação que faz, a mais extrema jamais feita por quem quer que seja. **Kennedy:** Bem, *eu* não me sinto forçado a chegar aos seus extremos.

Lewis: Olhe: suponha que eu asseverasse ser o maior escritor do século vinte. O que pensaria de mim?

Kennedy: Ora, que você era intoleravelmente arrogante.

Lewis: Sim. Mas não exatamente louco?

Kennedy: Não necessariamente.

Lewis: Agora, suponha que eu asseverasse ser o mais notável ser humano que jamais houvesse pisado a face da Terra — mais sábio que Salomão, mais erudito que Buda, mais santo que qualquer dos santos. O que você pensaria de mim nesse caso?

Kennedy: Que era um tolo incrivelmente egoísta.

Lewis: Um pouco mais próximo da demência, certo?

Kennedy: Provavelmente mais para lá do que para cá.

Lewis: Muito bem. Agora, suponha que eu afirmasse ser Deus — o Deus que criou você e todo este universo, a Mente cósmica ou *Logos* que sempre existiu. Suponha que eu asseverasse ser seu Salvador, perdoar seus pecados, salvar sua alma do inferno e levá-lo para o céu, sendo que para isso você só precisava crer em mim e me adorar. Suponha que eu dissesse ser absolutamente destituído de pecado, e que ressuscitaria dos mortos, e que por eu ressuscitar, você também o faria. O que pensaria de mim então?

Kennedy: Se *você* dissesse isso?

Lewis: Sim.

Kennedy: Que era louco varrido, se realmente acreditasse nisso. Qual é o princípio que está tentando provar?

Lewis: Que a diferença entre o que você realmente é e o que diz ser é uma medida de sua insanidade.

Kennedy: Entendo. Então, isso teria de funcionar para as ocasiões em que você diz ser menos do que é bem como nas que diz ser mais.

Lewis: E funciona mesmo. Se eu dissesse que era o homem mais idiota e malvado do mundo, você diria que eu estava sofrendo de um tremendo complexo de inferioridade. Se eu dissesse que na realidade era um macaco e não um homem, você diria que eu estava louco. Se eu dissesse que era uma chaleira, acharia que eu estava mais louco ainda. Certo?

Kennedy: Certo.

Lewis: E a distância que separa Deus das criaturas é maior que qualquer outra, qualquer distância que possa haver entre duas criaturas quaisquer, porque é infinita. Certo?

Kennedy: Certo.

Lewis: Assim, segue-se que a maior loucura possível seria a de dizer-se Deus.

Huxley: Dão licença de dar um palpitezinho aqui? Acho que posso ajudá-lo a sair dessa, Jack. Sabe, a alegação de ser Deus não é tão chocante quanto parece para vocês ocidentais. No hinduísmo...

Kennedy: Aldous, será que dá para esperar um pouco mais antes de você dar sua interpretação oriental de Jesus? Eu quero muito ouvi-la, mas *sou* ocidental e quero terminar o argumento em termos ocidentais primeiro, antes de voltar-me para o Oriente com você.

Lewis: Muito bem, Jack. Eu estava com esperança que tivesse peito para dar continuidade ao argumento.

Huxley: E espero que tenha peito para acompanhar o *meu* argumento também quando eu o apresentar, os dois.

Kennedy: Estou certo de que ambos teremos. Mas, Lewis, será que você pode revisar para nós algumas das reivindicações à divindade feitas por Jesus? Acho que deveríamos verificar a correção de nossa informação antes de interpretá-la. O que foi, exatamente, que ele disse acerca de si mesmo?

Huxley: E será que ele disse mesmo essas coisas? Aí está um outro problema: até onde podemos confiar nos textos bíblicos?

Lewis: Vamos reunir nossos dados, sem dúvida. O que *disse* ele? E quanto à questão de se ele realmente disse isso, Aldous, não seria melhor tratarmos do problema da exatidão dos textos separadamente? Uma coisa de cada vez.

Kennedy: Isso mesmo. Uma coisa de cada vez. Mas já que tanto o Aldous como eu duvidamos da exatidão histórica dos textos, qualquer um de nós dois poderá atacar o problema da exatidão dos mesmos quando este surgir. Acho que prefiro deixar o Aldous tratar disso como parte da argumentação dele. Ele sabe mais do que eu a respeito de textos.

Lewis: Está bem assim. Tomando os textos assim como estão, vamos reunir as informações. Aqui estão algumas citações: "Eu e o Pai somos um." "Quem me vê a mim, vê o Pai." "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente." "Eu sou o pão da vida." "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." "Perdoados estão os teus pecados."

Kennedy: Espere um pouco. Como é que essa última afirmação é uma reivindicação à divindade? Eu também haveria de querer perdoar os pecados dos outros. E ele não nos ordenou que perdoássemos uns aos outros?

Lewis: Sim, os pecados cometidos contra a sua pessoa. Por exemplo, há pouco, você perdoou ao Aldous um

pequeno insulto sobre aquilo de Harvard e terra de índio. Mas suponha que você o perdoasse por ter insultado a *mim*!

Kennedy: Seria rematada idiotice.

Lewis: Concordo. Você percebe o que esse tipo de coisa estaria implicando?

Kennedy: A pessoa que perdoa supõe que tem o *direito* de perdoar.

Lewis: Sim, e quem tem o direito de perdoar o ofensor?

Kennedy: Aquele que foi ofendido.

Lewis: É isso mesmo. Por isso, a reivindicação feita por Jesus de perdoar todos os pecados tomava por certo que ele é quem havia sido ofendido em todos os pecados. E quem é essa pessoa?

Kennedy: Entendi. É Deus. O autor da lei moral.

Lewis: E depois temos a reivindicação suprema à divindade, a que decide a questão: o sagrado Tetragrama.

Kennedy: Desculpe, mas essa não entendi. O que é o sagrado tetra não sei quê?

Lewis: O sagrado Tetragrama, a palavra sacra de quatro letras, o nome que nenhum judeu jamais pronunciou por ser o nome de Deus, revelado a Moisés pelo próprio Deus segundo registrado em Êxodo 3:14. Ninguém realmente sabe pronunciá-la, porque ninguém jamais se atreveu a pronunciá-la exceto Deus, e não se escreveu a palavra toda, apenas as consoantes, o Tetragrama. Nas Bíblias antigas ela aparecia escrita Jeová, e em algumas mais modernas, Javé. Significa "EU SOU". E Jesus a falou em João 8:58: "Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, EU SOU."

Kennedy: Não existem muitos nomes que se referem a Deus na Bíblia? O que há de tão especial com este que nenhum judeu se atreve a pronunciá-lo?

Lewis: Todos os outros nomes de Deus são nomes que *nós* lhe damos; este é o nome que ele próprio revelou. Todos

os outros nomes traduzem o que ele é e o que faz em relação a nós: Criador, Redentor, Rei, etc. Mas este fala daquilo que ele é em si mesmo: o puro, absoluto ato de ser.

Kennedy: Então, por respeito, nenhum judeu o pronunciava?

Lewis: Mais que respeito. Respeito é uma convenção humana. Esta é uma necessidade lingüística inerente a essa palavra e que não existe em nenhuma outra. Se Deus tivesse dito que seu nome era qualquer outra coisa — Oscar, por exemplo, ou X — poderíamos pronunciar seu nome sem reivindicarmos *ser* Deus. Posso dizer: "Olá, Oscar", sem reivindicar ser o Oscar, ou "X" é "Y" sem reivindicar ser X. Mas dizer "EU SOU" é reivindicar *ser* esse "EU". É o único nome puramente de primeira pessoa, particular, subjetivo, singular.

Kennedy: Entendi. Ninguém pode dizê-lo, exceto seu dono.

Lewis: Sim. Posso *expressar* um nome de terceira pessoa, e posso *dirigir* um nome à segunda pessoa, mas só posso *possuir* o nome de primeira pessoa.

Kennedy: Pode dar um exemplo disso?

Lewis: *Expresso-me* na terceira pessoa quando digo: "Oscar existe" ou "X é bom". *Dirijo-me* na segunda pessoa quando digo: "Ó tu, grande Oscar", "Caro X". Mas "Eu" é a única palavra que jamais podemos expressar ou dirigir, apenas possuir. Somente EU SOU pode dizer "Eu Sou". É por isso que essas palavras eram a coisa mais chocante que a língua humana podia pronunciar, e por essa razão os judeus que as ouviram dos lábios de Jesus tentaram matá-lo, apedrejando-o, e mais tarde conseguiram crucificá-lo. A morte era a pena para a blasfêmia segundo a lei mosaica. A reação deles foi clara e honesta.

Kennedy: E a minha não é?

Lewis: Francamente, não. Eles enfrentaram o terrível dilema de Jesus ser uma coisa ou outra. Você o evita, evitando o raciocínio do tipo "preto-e-branco". Mas este tem

de ser o próprio EU SOU falando, ou um homem muito, muito mau que mais do que qualquer outra pessoa, merecia ser morto, de acordo com a lei mosaica.

Kennedy: Uma lei cruel, de uma época cruel. Não temos necessidade de ser governados por ela, e dizer que ele fez por merecer a execução.

Lewis: Mas diríamos que ele fez por merecer o encarceramento. Chamariamos o pessoal do hospício ao invés dos carrascos, não é mesmo, se nos deparássemos com alguém que verdadeira e literalmente pensasse ser Deus? Você diria que um homem desses é bom e sábio?

Kennedy: Acho que não. Suponho que ele fosse louco. Eu, na verdade, não quero assumir a posição de que Jesus foi um louco — gostaria de dizer que ele foi um homem sábio e bom — mas não sei de que outra maneira poderia evitar a sua lógica.

Lewis: Não a *minha* lógica, está lembrado? E por que você iria querer evitá-la?

Kennedy: Você tem um pendor para fazer perguntas embaraçosas. Bem, só para completar a lógica do seu argumento, pode provar a segunda premissa, a de que Jesus não era um homem mau, um louco?

Lewis: Se eu fizer isso, você sabe o que se segue, não sabe?

Kennedy: O que quer dizer?

Lewis: Ora, já provamos a primeira premissa: Jesus só pode ser Deus ou um homem mau. Se provarmos também a segunda premissa, a de que Jesus não é um homem mau, então você precisa aceitar minha conclusão de que ele é Deus.

Kennedy: Acho que estou começando a perceber por que desejo evitar a lógica. Mas continue. Prove a segunda premissa.

Lewis: Está bem, mas a prova não vai ser do tipo "preto-e-branco", como você diria. Dependerá de sua

compreensão intuitiva da natureza e da personalidade humanas.

Kennedy: Isso me está soando perigosamente vago e subjetivo.

Lewis: Há um minuto atrás, você estava reclamando por eu usar prova do tipo oposto, um argumento definido, ou isto/ou aquilo, preto-e-branco. Não há como agradá-lo!

Kennedy: Acontece apenas que desconfio de alguns tipos de prova, em geral.

Lewis: Ah! sim. Sabe, essa é uma maneira fácil de evitar defrontar-se com uma prova específica: impugnar "esse tipo de prova em geral" de maneira vaga. Não seria mais justo ouvir a prova primeiro? Pode muito bem ser que haja algumas provas muito fortes baseadas na intuição. Como é que pode ter certeza de que esta não é uma delas a menos que a examine?

Kennedy: Está bem, estou de olhos abertos. O que você tem para mostrar?

Lewis: Se se recorda dos Evangelhos, lembra-se de que Jesus não saiu reivindicando ser divino, clara e inequivocamente, desde o princípio. Ele permitiu antes que seus discípulos viessem a conhecê-lo como pessoa humana. Ele apelou para seus detectores humanos de credibilidade.

Kennedy: Seus o quê?

Lewis: Esta é a parte intuitiva. Todos nós temos aptidões inatas, intuitivas, para detectarmos as pessoas dignas de credibilidade, ou confiáveis, e as que não são.

Kennedy: Isso eu compreendo.

Lewis: Jesus primeiro estabeleceu sua credibilidade humana junto a seus discípulos. Só então reivindicou divindade, dentro desse contexto de credibilidade. Assim, precisamos examinar tal contexto.

Kennedy: Por que *precisamos*!

Lewis: Para avaliarmos criticamente a reivindicação dele à divindade.

Kennedy: Ótimo! É isso mesmo o que quero fazer. Uma fé crítica, e não cega; faço questão disso.

Lewis: Muito bem. Agora, pense: se eu ou você tivéssemos reivindicado o que ele reivindicou, alguém acreditaria em nós?

Kennedy: É claro que não.

Lewis: Então, por que tantos creram nele?

Kennedy: Talvez por serem apenas camponeses ignorantes, pré-científicos.

Lewis: Você já ouviu falar no termo *esnobismo cronológico*?

Huxley: Posso interromper um minutinho? Vamos evitar que o argumento se transforme em troca de insultos. Paulo de Tarso certamente não era um simples camponês e Jack certamente não é um esnobe.

Kennedy, Lewis (juntos): Não é isso o que queremos dizer.

Huxley: De qualquer maneira, vamos tentar responder à indagação de Lewis: "Por que tantos acreditaram em Jesus?" examinando um caso paralelo. Por que tantos creram em Gautama Buda quando ele reivindicou algo igualmente incrível?

Lewis: Boa pergunta (embora eu não ache que sua reivindicação tenha sido *tão* incrível quanto a de Jesus).

Huxley: Que me responde a isso, Jack?

Kennedy: Tem de ser a mesma que funcionou para Jesus: sua credibilidade como ser humano.

Huxley: Vocês percebem — os dois — quão incrível era o que Buda reivindicava? Suponham que lhes dissesse que acabara de receber a suprema revelação ao sentar debaixo de uma árvore e comer a primeira refeição decente em anos; e que o conteúdo dessa revelação foi de que todos nós

estamos vivendo em ilusão perpétua e total; que tudo o que julgamos ser real é, na verdade, irreal, *sunyata*, vazio — o mundo, o próprio ser, o corpo, a alma, o ego, o outro; e que a única realidade é o *Nirvana*, "extinção", que é *neti... neti...* nem isto, nem aquilo, absolutamente indescritível. Vocês acreditariam em mim se ouvissem isso pela primeira vez de meus lábios agora?

Kennedy: Claro que não. Não acredito nem quando o próprio Buda diz isso.

Lewis: Se é assim, por que alguém *chegou* a acreditar?

Huxley: Experiência, meu caro, experiência. Eles tiveram experiência própria daquilo. Nada de autoridade, nem de revelação divina, nem fé em Outrem, coisas essas a que vocês cristãos recorrem tão cegamente.

Lewis: Mas os primeiros discípulos de Buda ainda não haviam experimentado o Nirvana quando acreditaram nele. Por que creram? E muitas gerações posteriores de discípulos acreditam primeiro e só bem mais tarde experimentam o Nirvana no qual crêem. Por que o encontrariam se não o buscassem? E por que buscariam se não cressem em sua existência?

Kennedy: Então, por que acreditaram? Lembrem-se que essa coisa de que estamos falando é um ensinamento *muito* estranho, quase inacreditável.

Huxley: Certamente não calcados em alguma autoridade.

Lewis: Talvez não na autoridade de palavras ou livros ou instituições, mas seguramente foi com base na autoridade do próprio Buda, em sua personalidade e visível credibilidade.

Huxley: Bem, é verdade. Mas eu não gostaria de chamar isso de *autoridade*. Diria antes que é *santidade*. Dizia-se que Buda era "um homem santo da cabeça aos pés". Se o tivesse conhecido, poderia ter acreditado em *qualquer coisa* que ele dissesse.

Lewis: Exatamente. Quer usemos o termo autoridade para isso ou não, é uma simples questão de palavras. Mas esse termo foi usado acerca de Jesus também. "Porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas." Você acabou de concordar com o que eu disse, Aldous, embora não com a minha terminologia. Os discípulos de Jesus acreditaram no que ele disse porque primeiro acreditaram nele, da mesma forma que os de Buda acreditaram no que ele disse por terem antes acreditado nele.

Kennedy: Mas *nós* nunca encontramos gente como Jesus ou Buda. Será que isto realmente tem relevância para nossa experiência?

Lewis: Os princípios de credibilidade têm, isso eu garanto. Permita que dê um exemplo tirado de um de meus próprios livros, que fala de uma pessoa comum, não alguém como Jesus ou Buda. A situação é fictícia, fantasiosa; não passaríamos por ela (apesar de que não podemos ter absoluta certeza nem mesmo disso, podemos?). Mas a personagem a que me refiro é uma menina normal. É do livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, o primeiro volume das *Crônicas de Nárnia*. Algum de vocês leu? Não? Bem, não pensei mesmo que qualquer um dos dois tivesse tempo para coisas sérias tal como a fantasia infantil. Estavam demasiado ocupados com distrações fantásticas tais como diplomacia e erudição. (É só meia brincadeira, Jack. Pode abaixar essa mão! É três-quartos de brincadeira com você, Aldous. Pode abandonar esse olhar escandalizado.) Então continuemos. A história começa com quatro crianças inglesas brincando de esconde-esconde num dia chuvoso, dentro de uma casa de campo antiga e enorme, cujo dono era um tal velho e sábio Professor Ari. Lúcia, a caçulinha, esconde-se em um guarda-roupa que estava em um quarto vazio, e descobre que este não tem fundo, sendo uma entrada para todo um outro mundo, Nárnia. Ela passa pela abertura e envolve-se em algumas aventuras em Nárnia com um fauno e uma feiticeira

malvada, antes de encontrar o caminho de volta, que passa pelo fundo do guarda-roupa. Quando ela conta aos dois irmãos e à irmã o que aconteceu, eles encontram apenas um guarda-roupa comum com um fundo. Naturalmente, não acreditam nela, e a pequerrucha chora o dia inteiro. Finalmente, à hora do jantar, o Professor soluciona o problema, perguntando a Pedro, o irmão mais velho de Lúcia: Você conhece bem a sua irmã? (Muito bem.) E você conhece assim tão bem o universo? Tem tanta *certeza* de que coisas como essa não poderiam possivelmente acontecer? A ciência ou a história ou a experiência já provaram que é impossível? (Bem, não.) Ora, então está tudo muito claro: ou Lúcia está doida, ou mentindo ou falando a verdade. Se você a conhece o suficiente para saber que ela não está doida, nem mentindo, e você não conhece o universo o suficiente para ter certeza de que ela não poderia de forma alguma estar dizendo a verdade, o melhor que tem a fazer é acreditar nela. É uma simples questão de lógica. "O que será que lhes ensinam nas escolas hoje em dia?"

Kennedy: Ensinam-lhes o mundo real, não fantasia. (É só meia brincadeira, Lewis.) Entendi o que quis dizer. Mas seguramente você não acreditaria em quem lhe viesse contando uma história dessas. Você acharia muito mais provável que a estivesse inventando, da mesma forma que você inventou a história toda. Coisas desse tipo simplesmente não acontecem no mundo real. Nem tampouco a descida literal de deuses, ou ressurreições literais dos mortos.

Lewis: Eu poderia perguntar-lhe a mesma coisa que o Professor Ari perguntou a Pedro: Como sabe disso? A ciência já provou que milagres não podem acontecer? Mas foi essa linha de argumentação que coloquei em outro de meus livros, *Milagres* ... Não, não pensei que o tivesse lido... e agora prefiro seguir a linha psicológica do argumento até a conclusão. Referi-me a Lúcia para mostrar que, à semelhança de Lúcia e de Buda, Jesus diz coisas incríveis, e, da mesma forma que Lúcia e Buda, Jesus é uma pessoa digna de crédito. Assim, temos de crer em sua inacreditável

reivindicação ou negar sua personalidade digna de crédito, sua credibilidade pessoal.

Kennedy: Examinemos sua personalidade, então, embora eu não saiba aonde isso nos levará. Eu tenho algum conhecimento sobre a natureza humana, e a história humana, e grandes vultos do passado. Você sabia que também escrevi um livro chamado *Profiles in Courage* ("Perfis em Coragem")? Não? Você também não leu o meu? Bem, então estamos quites. Mas continue com o seu argumento.

Lewis: Vamos dividir todas as pessoas em quatro categorias...

Kennedy: Oh! oh! Lá vamos nós de novo, pensando em preto-e-branco.

Lewis: Mas seguramente *há* categorias. A única dúvida é a de se são apropriadas, de acordo com a realidade.

Kennedy: Não gosto de divisões entre as pessoas.

Lewis: Mas todas as categorias são divisões, classificações, esboços.

Kennedy: Colocar as pessoas em classes tem causado um dano enorme em toda a história humana.

Lewis: Dividir as pessoas de verdade, sim. Mas não dividi-las mentalmente. Por exemplo, fazer mentalmente a distinção entre masculino e feminino é bom, e necessário (como ficaríamos confusos se não pudéssemos ou não quiséssemos fazer isso, como parece ser o que fazem alguns hoje em dia). Mas dividi-las de verdade, isolá-las, é geralmente ruim. De fato, para uni-las produtivamente a gente precisa dividi-las mentalmente com muita nitidez: vive *la difference* e tudo o mais.

Kennedy: Sim, entendo isso. Mas a sua classificação não vai ser assim tão óbvia e natural, vai?

Lewis: Espere só para ver. Enquanto isso, não julgue precipitadamente. Você também usa categorias. Por exemplo, você escolheu apenas grandes vultos, ou homens

de grande coragem ao invés de outros, sobre quem escrever seu livro, dividindo assim implicitamente as pessoas em duas categorias.

Kennedy: Mas foi uma divisão flexível e não rígida. Não houve uma diferenciação simples, preto-e-branco, entre os corajosos e os covardes. As qualidades humanas existem em tons de cinzento, não em preto ou branco.

Lewis: Concordo.

Kennedy: O quê? Você concorda?

Lewis: Claro. Você por acaso pensou que o fato de eu ser lógico me cegava, de alguma forma, para a realidade?

Kennedy: Francamente, pensei.

Lewis: Ser *meramente* lógico cega a gente para a realidade. Ser *meramente qualquer coisa* cega a gente para a realidade, porque a realidade não é *meramente* uma só coisa, qualquer que seja. A realidade é tudo.

Kennedy: Não há uma "simplicidade" especial na lógica? Ela é forma pura, sem conteúdo, mas a realidade é conteúdo.

Lewis: Certo. E esta discussão tem a ver com o conteúdo, com personalidades humanas vivas e reais. Isso não impede que a discussão tenha uma forma lógica especial também.

Kennedy: Continue, então, divida. Evitarei tecer julgamento a respeito até que veja o resultado.

Lewis: Obrigado. Dividamos a humanidade primeiro nas poucas pessoas tremendamente grandes e sábias, pessoas como Jesus, Buda, Sócrates, Lao-Tzu, Moisés, Maomé, Confúcio, Zoroastro...

Kennedy: Já entendi aonde quer chegar. Não precisa continuar essa lista. Mas a linha divisória entre esses poucos e os muitos outros é flexível e não rígida, compreende?

Lewis: Compreendo sim. Digamos que esses poucos são os sábios, e a vasta maioria da raça humana que sobra é composta dos não-sábios. Embora seja verdade o que você disse acerca da flexibilidade da linha divisória, essa sabedoria é mais uma questão de grau do que de qualidade do tipo preto-ou-branco, e no entanto podemos separar umas poucas pessoas como sendo extraordinariamente sábias, não podemos? E é isso mesmo o que fazemos.

Kennedy: Sim. Mas aconselho-o a definir *sábio* se quiser que sua argumentação seja lógica e objetiva em lugar de ser apenas uma projeção de suas preferências pessoais.

Lewis: Você tem toda razão. Definirei e descreverei a sabedoria assim que terminar minha classificação.

Kennedy: Até agora, você mencionou duas classes. E você disse que ia dividir as pessoas em quatro delas.

Lewis: Sim. Separemos as pessoas também em dois grupos: aquelas que reivindicam ser Deus e as que não fazem isso.

Kennedy: É uma divisão estranha, mas bem clara, penso eu, com exceção do termo *Deus*.

Lewis: Sim. Vamos nos restringir ao Deus da Bíblia.

Kennedy: Isso não é tacanhice?

Lewis: Não estou falando de *realmente* nos restringirmos ao Deus da Bíblia — embora pudesse argumentar que mesmo isso não é restrição ou tacanhice, mas simples realismo, por ser ele o único Deus *verdadeiro*. Mas deixemos isso para lá. Estou falando de restringir logicamente a definição de Deus a um dos muitos significados possíveis do termo, para tornar mais claras as coisas.

Kennedy: Ainda acho que assim estamos definindo o termo de forma muito restrita.

Lewis: Não queremos que nossos termos sejam ambíguos, queremos?

Kennedy: Não.

Lewis: E como fazer para evitar a ambigüidade?

Kennedy: Definindo.

Lewis: E definir significa restringir, confinar, não significa? *De-fino* e *con-fino* significam quase exatamente a mesma coisa.

Kennedy: Sim.

Lewis: Então, vamos estabelecer a diferença entre duas classes de pessoas: todas aquelas que reivindicam ser o Deus de que a Bíblia fala, e aquelas que não o fazem.

Kennedy: Você está querendo dizer agora que só existe um membro da primeira classe? Apenas um homem que tenha reivindicado ser Deus? É esse que vai ser o seu argumento?

Lewis: De forma alguma. Há um grande número de pessoas que fizeram isso, embora você provavelmente jamais tenha conhecido qualquer uma delas.

Kennedy: Quem são?

Lewis: A maioria delas está nos hospícios.

Kennedy: Ali! sim! O "complexo de divindade".

Lewis: Pelo menos, é suficientemente comum para merecer esse termo técnico, e um ou dois parágrafos nos manuais das anormalidades psicológicas. Na verdade, houve até um romance intitulado *Os Três Cristos de Ypsilanti*, acerca de um hospício onde havia três pessoas que se diziam Deus encarnado.

Kennedy: Você está percebendo, não está, que suas duas classificações são bem diferentes? Uma das diferenças é o fato de a primeira ser uma questão de grau e a segunda não.

Lewis: Certo. Sabedoria é uma questão de grau, mas reivindicar literalmente ser Deus não é. Assim, uma das linhas divisórias será indefinida e a outra não. Agora vamos combinar as duas divisões para obtermos nossas quatro classes de pessoas. Na primeira, temos aquelas que não

reivindicam ser Deus nem são extraordinariamente sábias: a vasta maioria de nós. Na segunda, temos aquelas que não reivindicam ser Deus e são extraordinariamente sábias: gente como Buda, Sócrates, Confúcio, Lao-Tzu, Moisés, Maomé e os outros. Na terceira, temos aquelas que reivindicam ser Deus e não são extraordinariamente sábias: os dementes. Na quarta, temos aquelas que tanto reivindicam ser Deus como são extraordinariamente sábias.

Kennedy: E quem você coloca na Quarta Classe?

Lewis: Uma única pessoa.

Kennedy: Foi o que pensei.

Lewis: Você pode se lembrar de alguma outra?

Kennedy: Não. Mas apenas esta classificação não prova que a reivindicação feita por Jesus de ser Deus é verdadeira.

Lewis: Não, mas ela amplia e explica a prova da premissa *aut deus aut homo malus*. Apenas dois tipos de homem reivindicam ser Deus, e um dos dois é um tipo de homem mau, não um sábio.

Kennedy: Mas você ainda não definiu o sábio. O que é um sábio, e o que é um complexo de divindade, e por que os dois são incompatíveis? Você precisa responder a essas três perguntas, ou do contrário simplesmente classificarei Jesus como sendo um sábio com um complexo de divindade.

Lewis: Um sábio louco? Isso não é quase uma contradição?

Kennedy: Preciso de definições concretas. Descrições.

Lewis: Está bem. Vamos tratar de suas três perguntas, uma de cada vez. Primeira, o que é um sábio? Você quer dizer basicamente a mesma coisa quando fala em *sábio*, *guru*, *mestre espiritual*, *santo*, etc, certo?

Kennedy: Certo.

Lewis: Eu também.

Kennedy: Então, defina-os

Lewis: Para mim, todos os sábios parecem ter três características psicológicas proeminentes. Primeiro, uma percepção ou sabedoria fora do comum.

Kennedy: Acerca de quê? Qualquer coisa? Será que um grande cientista físico é um sábio por conhecer a maneira como o átomo funciona?

Lewis: Não. Percepção do caráter e coração humanos?

Kennedy: Ah! bom. Eu também definiria a sabedoria dos sábios nessa forma humana. Que interessante. Achei que você iria enfatizar algum tipo abstrato, especulativo, filosófico de sabedoria.

Lewis: Os sábios são filósofos, mas filósofos práticos. Sua percepção abrange tanto o discernimento das verdades universais acerca da natureza humana — que de certa forma você poderia chamar de filosofia — *quanto* a percepção das verdades e falsidades particulares do indivíduo — que você poderia chamar de filosofia prática.

Huxley: Os budistas chamam essa combinação *deprajna*.

Lewis: Nem todo mundo tem isso, tem?

Huxley: Segundo os sábios orientais, todo mundo tem mas somente os iluminados a liberam, ou apercebem-se da sua existência.

Lewis: De qualquer forma, essa filosofia prática somente se manifesta na vida do sábio.

Huxley: Certo.

Kennedy: Existe qualquer maneira objetiva pela qual nós, os não-sábios, podemos encontrá-la?

Lewis: Em primeiro lugar, ela não se expressa por meio de lugares-comuns que todo mundo já conhece. Os sábios raramente proferem clichês. Seu ensinamento é desafiador, surpreendente, muitas vezes inquietante. Sua sabedoria lhes granjeia inimigos.

Kennedy: Sei do que você está falando. Eles são muito avançados para sua época, pioneiros, libertadores.

Lewis: Então, por que você acha que são tão malquistos? Por que granjeiam inimigos? Você não acredita que as pessoas desejam ser liberadas?

Kennedy: Bem, sim, mas... hummm. É uma boa pergunta. O que você acha?

Lewis: Acho que as pessoas *não* desejam ser liberadas. Não verdadeiramente liberadas, pois isso é sempre doloroso.

Kennedy: Por quê?

Lewis: Porque a coisa mais necessária para toda verdadeira liberação é geralmente muito dolorosa.

Kennedy: E qual é essa coisa?

Lewis: A verdade.

Kennedy: Mas a verdade é uma necessidade humana básica.

Lewis: Sim. é. Mas nem sempre a desejamos. Os sábios nos dizem as verdades que ninguém mais diz. as verdades de que mais carecemos e que menos desejamos.

Kennedy: E eles são os pioneiros, os progressistas, os liberais que liberam.

Lewis: Não acho que podemos aplicar-lhes categorias políticas.

Kennedy: Mas eles são pioneiros.

Lewis: Sim, mas os radicais de uma geração tornam-se os conservadores da próxima. Seus ensinamentos inovadores tornam-se os antigos truísmos de sua tradição, da mesma forma que as primeiras estradas do oeste americano tornaram-se modernas rodovias mais tarde.

Kennedy: Uma boa comparação. Deixarei minhas categorias debaixo do chapéu por mais um tempinho. Não estou tão certo assim de que sejam totalmente inaplicáveis aos sábios. Apesar de tudo, eles foram personalidades

públicas. Bem, de qualquer maneira, qual é a sua segunda característica para todos os sábios? Lewis: Amor, altruísmo, compaixão, generosidade.

Huxley: Prajna e kuruna.

Kennedy: Que é isso?

Huxley: Sabedoria e amor, as duas grandes virtudes para o budismo.

Lewis: Não somente para o budismo; universalmente, acho. Na Bíblia e também na filosofia grega.

Aristóteles as chamava de virtudes intelectuais e morais.

Kennedy: Você pode descrever *karuna* mais especificamente?

Lewis: Com prazer. *Karuna* é o tipo de amor que brota naturalmente dentro da pessoa quando se tem coração grande e aberto. Ele torna a pessoa humilde.

Kennedy: Humilde? Penso na pessoa humilde como sendo pequena. Você disse "*coração grande*".

Lewis: A palavra *humilde* vem de *húmus*, terra. Os sábios têm os pés na terra. Sentem-se à vontade com a gente, e fazem a gente sentir-se à vontade com eles. Estão *com* a gente; até mesmo o seu ser é um ser paralelo; Marcel o chama de *co-esse*. Eles não ficam pensando em si mesmos, mas sim nos outros, preocupados com os outros. São altruístas, não por serem pequenos mas por serem vazios, abertos, amplos; sempre têm muito lugar dentro de si para os outros e suas necessidades.

Kennedy: Sei exatamente o que você quer dizer. Nós, as pessoas comuns, tentamos ter essa qualidade, mas só conseguimos sucesso parcial, de vez em quando, e com algumas pessoas. Eles parecem ser totalmente abertos, o tempo todo, com todo mundo. É uma qualidade muito rara e valiosa, especialmente para um líder público.

Lewis: Se concordamos quanto ao *karuna*, vamos passar à terceira qualidade peculiar aos sábios: a

criatividade. Não se pode programá-los, imprensá-los, prever o que farão, nem controlá-los. Não podem ser classificados em categorias conhecidas.

Kennedy: Ora, é esse tipo de admissão que gosto de ouvir: nada de categorias preto-e-brancas.

Lewis: Mas cinzentas, é que elas não são. Não são uma mistura, uma trapalhada, uma confusão; não um pouquinho de sabedoria e um pouquinho de tolice, um pouco de bem e um pouco de mal. Não são cinzentas mas coloridas. Outra *dimensão*.

Kennedy: Isso mesmo. Esse tipo de criatividade está presente em todos os pioneiros. É por isso que eu os chamaria de progressistas, ou liberais.

Lewis: Será que você não acabou de se contradizer? Você concordou há um minuto que eles não podem ser classificados em categorias conhecidas. E que categorias são mais conhecidas do que liberais e conservadores, esquerda e direita, radicais e tradicionalistas? E quem estava falando de raciocínio preto-e-branco? Médico, cura-te a ti mesmo!

Kennedy: Mas certamente ser criativo é ser novo em vez de antigo, progressista ao invés de reacionário?

Lewis: Acho que está sendo uma vítima de sua própria terminologia. Se fosse conservador, usaria termos tais como *tradicionalista* x *radical* em lugar de *progressista* x *reacionário*. Ou *eterno* x *efêmero* ao invés de *estagnado* x *dinâmico*. Mas esses termos falam da mesma coisa, sendo a única diferença as indicações emocionais de aprovação ou desaprovação.

Kennedy: Examinemos as pessoas desses sábios em lugar de terminologia abstrata. A classificação de "liberal" surgirá naturalmente dos fatos relativos à sua personalidade e história.

Lewis: Sim, examinemos as suas pessoas. Mas acho que vamos descobrir que nenhum deles é classificável como de Direita ou Esquerda. Sócrates, por exemplo, foi

executado por uma conspiração na qual estavam reunidas a Esquerda e a Direita: dogmáticos que favoreciam o Sistema e céticos anti-Sistema, os "amigos dos deuses" e os novos relativistas, os sofistas. Na realidade, cada grupo classificava o filósofo como sendo amigo do outro grupo, e portanto, seu inimigo. A mesma coisa aconteceu com Jesus, cujos inimigos incluíram os dogmáticos fariseus e os céticos saduceus.

Huxley: Não deveríamos acrescentar que neste caso os dogmáticos foram os revisionistas, e os céticos foram os tradicionalistas?

Lewis: É verdade, mas não vamos nos enredar em detalhes.

Kennedy: Gostaria de ouvir falar deste "detalhe". Pode ser que ajude a superar classificações rígidas.

Lewis: Está bem. Resumindo, a questão introduzida por Aldous foi a de que os fariseus acreditavam em mais (especialmente mais *leis*) e os saduceus em menos, pois acreditavam apenas no Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia, como tendo sido diretamente inspirados por Deus. É por isso que não acreditavam na vida após a morte, pois ela não é mencionada senão mais tarde, em Jó, nos Salmos e nos profetas.

Kennedy: De qualquer forma, a questão é que Jesus é igual aos outros sábios por não se encaixar nas classificações existentes de Direita e Esquerda?

Lewis: Sim.

Kennedy: Parece-me que em muitos dilemas, eles assumem a posição de Esquerda.

Lewis: Você acha que, em alguns dilemas, eles assumem a posição de Direita, ou dos Tradicionalistas?

Kennedy: Bem, acho que sim. Em alguns. Lewis: E em alguns dilemas, eles não assumem nenhuma dessas posições?

Kennedy: Sim.

Lewis: E os dilemas mais importantes são aqueles nos quais eles não assumem posição alguma?

Kennedy: Sim, tenho de concordar com você nesse ponto. O estudo que fiz dos grandes homens de ação deixou-me impressionado com a engenhosidade que demonstraram. Eles não vivem de acordo com as regras. Não teriam sobrevivido se tivessem agido assim. Eles se adaptam. São criativos.

Lewis: É isso mesmo. Daí a fascinação de se ouvir um diálogo entre eles.

Kennedy: Acho que você está pensando em *pensadores* criativos, ao passo que eu estou pensando em *atores* criativos, homens de ação. Mas como é que os seus pensadores criativos são fascinantes ao dialogar?

Lewis: Você nunca sabe com antecedência que resposta vão dar. Eles não dão papinha pré-digerida ou chavões batidos. Pelo contrário, dão a resposta que a pergunta realmente pede. Percebem que a verdadeira pergunta raramente está nas palavras. A verdadeira incógnita não é a pergunta em si, mas sim o indagador. Eles respondem a *ele*, e a resposta de alguma forma dá uma reviravolta na situação, de modo que *eles* questionam o *indagador*. Este sente-se questionado, desafiado, ao invés de desafiador. É por isso também que tanta gente sente-se ameaçada pelos sábios.

Kennedy: Posso seguir até o fim sua linha de raciocínio nesta descrição psicológica, e ela parece sustentar mais a *minha* classificação de Jesus do que a sua. Ele não está sozinho; é um dos sábios de todas as três formas. Como Salomão. Como um mestre Zen. Como Sócrates.

Lewis: Ele é um sábio típico em sua sabedoria. Mas não um sábio entre os outros — nem Moisés, nem Sócrates, nem Salomão, nem Confúcio, nem Buda — reivindicaram ser Deus.

Kennedy: Mas como você já demonstrou antes, tampouco nesse aspecto ele está sozinho.

Lewis: Sim, mas todos os outros que dizem ser Deus são loucos.

Kennedy: Eu, na verdade, não quero assumir esta posição, mas você pode provar que Jesus *não* era louco?

Lewis: Sim, tanto quanto essas coisas jamais podem ser provadas. E isso responderá à segunda de suas três perguntas. Tendo definido sabedoria, definiremos agora o complexo de divindade. E a justaposição dos dois responderá à sua terceira pergunta sobre como as duas condições são absolutamente incompatíveis.

Kennedy: Prossiga.

Lewis: O estado psicológico de alguém que tenha um complexo de divindade é exatamente o oposto ao do sábio em todas as três formas. Primeiro, a suposta "sabedoria" deste "Deus" acaba sendo nada mais do que chavões que todo mundo conhece e com os quais concorda de antemão. Nada surpreendente, nada original. Ele os obteve não a partir de sua própria experiência espiritual inédita, mas de segunda mão. É um papagaio.

Kennedy: Certo.

Lewis: Segundo, seu ego é tão pequeno que não pode acolher você. Ele é rígido, quebradiço e estreito. Apega-se à sua ilusão de divindade como quem "não julgou como usurpação o ser igual a Deus".

Kennedy: Isso não é uma citação do Novo Testamento?

Lewis: É, sim. O apóstolo Paulo descreve Jesus da seguinte maneira: "Pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens." A pessoa que sofre de complexo de divindade não pode esvaziar-se por não haver muito de si mesma para tirar fora. Ela é incapaz de

importar-se com você pela mesma razão pela qual é incapaz de conhecê-lo a fundo: está apenas voltada para si mesma.

Kennedy: Nem *prajna* nem *karuna*. Lewis: Você fica com a sensação de ser um figurante insignificante no espetáculo dela. Por mais que ela *tente* ser compassiva e humilde (talvez para imitar a Jesus), simplesmente não consegue.

Kennedy: E a criatividade?

Lewis: Também está ausente. É por isso que ela não pode dialogar. Ela nunca fala com você, fala para você. É só monólogo. Essa pessoa é monomaniaca. E isso não faz dela um bom ouvinte. É tão previsível quanto as máquinas, sempre dando a mesma resposta à mesma pergunta, não importa quem esteja perguntando, por estar completamente alheia à sua pessoa como um indivíduo distinto. Não *existe* nenhum outro ser para ela.

Kennedy: Puxa! Que pessoa mesquinha!

Lewis: Sim, e ninguém jamais disse isso acerca de Jesus. "Que pessoa perigosa!" talvez, ou até mesmo "Que blasfemador!" mas nunca "Que pessoa mesquinha!"

Kennedy: Então, qual é a lógica do argumento agora? Concordamos quanto aos nossos termos. Agora só resta provar a divindade de Jesus.

Lewis: Em qual das três classes que se seguem você o colocaria? Pessoas comuns, sábios ou pseudodeuses?

Kennedy: Sábios, é claro.

Lewis: Não, porque eles não reivindicam ser Deus, e ele o faz.

Kennedy: Hummm. E se a gente tentar a classe dos pseudodeuses?

Lewis: Não, porque eles não possuem a sabedoria, a compaixão e a criatividade dele.

Kennedy: E pessoas comuns não, porque...

Lewis: Pelas duas razões. Só nos resta uma possibilidade. Como pode ser evitada?

Kennedy: E essa possibilidade é...?

Lewis: Ele é um sábio, e assim sendo, é digno de confiança. E ele reivindica ser Deus, portanto não é simplesmente um sábio humano como os outros. *Aut deus aut homo malus.*

Kennedy: Você parece uma combinação de Sócrates com Kierkegaard. A dialética lógica ou/ou de Sócrates e dialética pessoal ou de Kierkegaard.

Lewis: Deixe de conversa mole. Para tentar fugir ao argumento, você elogia o argumentador: um *ad hominem* invertido. Que me diz do argumento?

Kennedy: Não posso honestamente dizer que posso refutá-lo, mas tampouco posso dizer honestamente que me convenceu, não importa quão irrefutável esse argumento pareça ser.

Lewis: Você concordaria que se um argumento for realmente irrefutável, se for bem sucedido de verdade e não apenas aparentemente, então ele prova a questão?

Kennedy: Claro, É isso o que um argumento bem-sucedido *significa*.

Lewis: E se prova a questão, então esta fica provada.

Kennedy: Claro.

Lewis: Provada que é o quê?

Kennedy: Provada que é verdadeira, claro.

Lewis: E se se prova que uma questão é verdadeira, então *é mesmo* verdadeira, certo?

Kennedy: Espere um pouco. Há coisas que podem ser verdadeiras sem que tenham sido provadas serem verdadeiras.

Lewis: Certo. Mas pode-se provar que são verdadeiras se não o forem?

Kennedy: Claro que não. Está bem, se realmente ficam comprovadas que são verdadeiras, então são verdadeiras.

Lewis: Assim sendo, a única dúvida é a de termos ou não uma prova boa.

Kennedy: Certo.

Lewis: Bem, revisemos um pouco a lógica elementar. O que constitui uma prova boa? Não é aquela na qual nenhuma das muitas coisas que podem possivelmente sair erradas com uma prova, ou enfraquecê-la, realmente sai errada ou a enfraquece?

Kennedy: Sim.

Lewis: Ora, as coisas que podem sair erradas em uma prova dependem do tipo de prova que é, indutiva ou dedutiva. As regras são diferentes para os diferentes tipos de prova.

Kennedy: Concordo.

Lewis: Que tipo de prova temos nós aqui?

Kennedy: Dedutiva. Seu argumento vai não do particular para um princípio geral, mas de um princípio geral para um caso particular.

Lewis: Correto. Ora, o que poderia possivelmente sair errado com uma prova dedutiva?

Kennedy: Vejamos. Se não me esqueci dos meus estudos de lógica, três coisas, E algo que tem a ver com cada um dos três "atos da mente" — concepção, julgamento e raciocínio, não é?

Lewis: Sim. Os produtos lógicos desses três atos são termos, proposições e argumentos. E as três coisas que podem sair erradas são que os termos podem ser ambíguos, as proposições podem ser falsas e os argumentos podem ser enganosos.

Kennedy: É, eu me lembro.

Lewis: Ora, vejamos. Usamos algum termo ambigualmente? Esquecemos de definir os termos que usamos? Discordamos quanto a alguma definição?

Kennedy: Não.

Lewis: A seguir: baseamos nossa argumentação sobre premissas falsas?

Kennedy: Dá para você fazer o favor de revisar de novo o argumento básico para mim? Quais eram as premissas?

Lewis: A forma de argumentação com a qual iniciamos foi a simples *aut deus aut homo malus, et non homo imilus, ergo deus*. Ou Jesus é Deus ou um homem mau. Ele não é um homem mau. Portanto, é Deus. Depois, explicamos e expandimos o argumento classificando as pessoas e definindo os sábios. A segunda forma da argumentação foi esta: Primeira premissa: Jesus é um sábio, e portanto digno de confiança. Segunda premissa: Ele reivindicou ser Deus.

Kennedy: As duas premissas parecem ser verdadeiras.

Lewis: Então, a única questão que resta é a lógica do argumento. É uma falácia argumentar que se o que uma pessoa digna de crédito diz é verdade, e que se esta pessoa digna de crédito disse ser Deus, então é Deus?

Kennedy: A conclusão parece inevitável se você aceitar as premissas. Mas a primeira forma de argumentação parece mais fraca. Acho que ainda não posso aceitá-la. A premissa "ou um homem mau ou Deus" é o modo de pensar preto-e-branco do qual ainda desconfio.

Lewis: E aí que se encaixa a minha classificação quádrupla. Ela prova a premissa ou uma coisa/ou outra.

Kennedy: Como?

Lewis: Só existem quatro possibilidades. Ou ele é Deus, ou um homem mau (blasfemo ou doido), ou um bom homem (um mero sábio), ou um homem comum. Essa é outra forma de enunciar a premissa ou/ou, com quatro possibilidades ao invés de duas. E você não pode classificar Jesus em qualquer das outras três categorias.

Kennedy: A conclusão parece inevitável também aqui. No entanto, não quero ser forçado a admitir isso.

Lewis: Por que não? Se o argumento realmente prova isso, então deve ser verdadeiro. Você não quer admitir o que é verdadeiro?

Kennedy: Claro. Mas deve haver algo errado com a argumentação.

Lewis: Por quê?

Kennedy: Bem, não quero aceitar a conclusão.

Lewis: Será que seus desejos determinam a verdade?

Kennedy: Não, mas não acredito que a conclusão seja verdadeira.

Lewis: Mas se não conseguir refutar o argumento, precisa acreditar.

Kennedy: Preciso realmente? Por quê? Acho que estou sendo encurralado.

Lewis: Pela verdade, não por mim. Se você não consegue refutar o argumento, o fato de recusar a conclusão só pode significar uma coisa.

Kennedy: Qual é?

Lewis: Que você sabe que é verdade e ainda assim recusa-se a acreditar; que simplesmente não liga para a verdade; que você não *deseja* conhecer a verdade. Em resumo, você é desonesto.

Kennedy: Como é que tem a coragem de dizer isso? Não fui desonesto com você. Fui bem franco.

Lewis: Sim, e fico-lhe grato por isso. Mas você seria desonesto para com a realidade se admitisse que o argumento prova a veracidade da conclusão, e ainda assim recusar-se a acreditar nela. Eu não acho que você *seja* desonesto; é por isso que terá de aceitar a conclusão.

Kennedy: Aldous, socorro!

Lewis: Não se iniba, Aldous. Mas, Jack, antes que ele intervenha, por favor, faça uma pergunta a si mesmo com toda a honestidade.

Kennedy: Qual?

Lewis: Por que está tão desesperado para ser socorrido?

Kennedy: Ora, para ganhar a argumentação, é claro. Sempre detestei perder.

Lewis: Pensei que havíamos concordado no começo de que esta seria uma argumentação em que nenhum de nós venceria, que só a verdade sairia vencedora.

Kennedy: Está bem, então, ainda não acredito que sua conclusão seja verdadeira.

Lewis: Assim, você vai atrás do Aldous para ajudá-lo a descobrir uma forma de escapar ao argumento por não desejar acreditar na sua conclusão.

Kennedy: Certo. Já disse isso.

Lewis: Por quê? Por que não deseja acreditar?

Kennedy: O que quer dizer com isso? Apenas não acredito, só isso.

Lewis: É por não achar que é verdade?

Kennedy: Claro.

Lewis: Ou é por algum outro motivo?

Kennedy: Que outro motivo? O que está insinuando?

Lewis: Não estou insinuando nada. *Qualquer* outro motivo seria um motivo desonesto.

Kennedy: Por quê?

Lewis: Ora, porque o único motivo honesto que alguém jamais pode ter tido para acreditar no que quer que seja é o fato de achar que é verdade. Seria honesto acreditar naquilo que achasse ser falso? E o único motivo honesto que alguém jamais pode ter tido para não acreditar no que quer

que seja é o fato de achar que é falso. Seria honesto não acreditar naquilo que você achasse ser verdadeiro?

Kennedy: Bem, não, é claro que não.

Lewis: Não, não "é claro". Muitos "é claro". Muitas das coisas que admitiu serem "claras" seriam vigorosamente refutadas pela maioria dos filósofos modernos, e os milhões de pessoas que eles influenciam por osmose. Eles todos prefeririam acreditar nas coisas por centenas de outras razões além da verdade: relevância, praticidade, vantagem, conforto, interesse, dinamismo, desafio, poder, novidade, felicidade.

Kennedy: Você acha que podemos descontar até mesmo a felicidade como motivo legítimo para se acreditar? Podemos exigir tanto dos milhões que acreditam em algo porque isso os torna felizes?

Lewis: Não estou preocupado com os milhões aqui, apenas com você. Você preferiria acreditar numa mentira que o fizesse feliz ou na verdade mesmo que ela o tornasse infeliz?

Kennedy: Não tenho certeza. Não é uma escolha fácil.

Lewis: Acho que é, se for honesto. Acho que você iria sempre preferir acreditar na verdade.

Kennedy: Você quer dizer que eu *deveria*. Como pode saber o que eu *realmente* faria? Como sabe quais são meus motivos?

Lewis: Eu acho que você *preferiria*.

Kennedy: Prove o que está dizendo.

Lewis: Acho que posso fazer isso. Veja bem: ainda não estamos plenamente no céu, estamos? Está muito divertido aqui, mas certamente não é a ventura eterna da Visão Beatífica. Então, você não estaria muito mais feliz se fosse?

Kennedy: Claro.

Lewis: E não estaria muito mais feliz se estivesse convencido de que isto é o céu? Absolutamente, realmente convencido?

Kennedy: Claro. Mas não estou.

Lewis: Por que não? Por que insiste em sua crença obstinada de que você não está agora em situação de gozo infindo?

Kennedy: Que pergunta mais boba! Eu *sei* que não estou.

Lewis: Em outras palavras, você sabe a verdade acerca de onde está.

Kennedy: Sim. *Esta* verdade, pelo menos: de que ainda não estou no céu.

Lewis: E assim você prefere a verdade à felicidade.

Kennedy: Não é que prefiro! Mas é tão natural. Parece que fazemos isso o tempo todo. Sabemos o que sabemos.

Lewis: Até sermos desonestos, até nos desviarmos da verdade conhecida ou suspeitada porque ela nos ameaça, ou nos voltarmos para uma mentira conhecida ou suspeitada por que ela nos atrai. Nossa mente não é impermeável a sugestões da vontade ou das emoções, você sabia?

Kennedy: Sei disso. Não sou um ingênuo, psicologicamente falando. Para falar a verdade, pensei que *you* fosse, do jeito como estava argumentando tão racionalmente.

Lewis: Você pensou que eu estava esquecendo a dimensão psicológica do argumento humano.

Kennedy: Sim.

Lewis: O motivo pelo qual não poderia fazer isso é minha própria experiência. Eu pratiquei exatamente o tipo de racionalização auto-enganadora sobre o qual o preveni por muitos anos. Detestava a idéia de um Deus que literalmente invadiu nosso mundo e nossa espécie, que

interferia nas nossas vidas e nossos valores e talvez até mesmo nossa natureza humana. Eu detestava isso porque queria ser independente, não queria ninguém mandando em mim, queria ser meu próprio Deus. E estou convencido de que muita gente rejeita o cristianismo — o cristianismo tradicional, bíblico, ortodoxo, com seu Deus ativo, amoroso, intrometido, exigente — por esse motivo. Não porque existe prova de que é verdadeiro, mas por *desejarem* que não seja verdadeiro.

Kennedy: E você acha que é isso o que estou fazendo?

Lewis: Não conheço o seu coração. Se a carapuça lhe serve... Mas a honestidade não requer que você pelo menos faça a si próprio essa pergunta com toda a seriedade?

Kennedy: Se a mente é tão enganosa quanto você está dizendo, como saber se não estamos ludibriando a nós mesmos?

Lewis: Essa pergunta parece ser muito complicada e difícil de responder, mas a verdade é que a resposta é chocantemente simples. É simplesmente querendo.

Kennedy: Só querendo?

Lewis: Sim. Se a vontade move o intelecto, então é aí que temos de começar. Uma vontade honesta faz honesta a mente. Era isso o que Jesus deu a entender quando lhe perguntaram como poderiam saber se seu ensinamento era verdadeiro, se realmente vinha da parte de Deus ou não, e ele replicou: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo."

Kennedy: Isso está na Bíblia?

Lewis: Está. Em João 7:17.

Kennedy: Isso certamente simplifica o problema. Talvez inventemos complexidades para evitar simplicidades desagradáveis. Terei de pensar com maior profundidade e honestidade acerca de tudo isto. Francamente, você me amedronta, Lewis. Você não tem dó nem piedade. Deve ter

arranjado um bom número de inimigos quando estava na terra.

Huxley: Já que a discussão entrou por este lado pessoal e psicológico, e como o Jack parece estar a ponto de afastar-se para perscrutar os próprios motivos, podemos retornar primeiro à lógica do argumento, antes que ele se vá? Não estou convencido de já termos esquadrinhado suficientemente bem o argumento para justificar que qualquer um de nós esquadrinhe a própria alma para ver se há motivos ocultos que o levem a rejeitar a conclusão do dito argumento chamado de inescapável. Acho que existe uma saída para sua conclusão.

Lewis: E qual é?

Kennedy: Espere, Aldous! Antes que responda — sou-lhe grato por vir em meu socorro, mas não acha que deveríamos dar ao Lewis um descanso? Ele argumentou comigo sem parar por uma hora até agora, e está para quebrar lanças com você sem qualquer intervalo. Não sei como se sente, Lewis, mas eu estou mentalmente exausto.

Lewis: Oh! eu não estou nem um pouquinho exausto. Na realidade, também não acho que você esteja mentalmente exausto, Jack. Acho que ninguém jamais fica assim.

Kennedy: O quê? Isso é absurdo.

Lewis: Não estou *certo* de que seja verdade, mas não é absurdo. Suspeito que apenas o corpo se cansa, nunca o espírito. Mas como o espírito usa o corpo como instrumento, o cansaço do instrumento é muitas vezes atribuído por engano ao usuário. Seja como for, estou ansioso para saber o que você chama de saída, Aldous. Suspeito que possa verdadeiramente ser "fora de série", como dizem hoje em dia. Qual é?

Huxley: Na verdade, há duas — duas respostas muito respeitáveis e populares ao seu argumento que não são "fora de série" de jeito nenhum. A primeira é negar a premissa que Jesus alguma vez tenha alegado ser divino.

Isto nos permite classificá-lo junto com todos aqueles outros sábios humanos. Sua argumentação não funcionará sem a premissa de que ele reivindicou a divindade, e você não pode provar essa premissa.

Lewis: Claro que posso.

Huxley: Como?

Lewis: Da mesma maneira como provo qualquer fato histórico: não por um silogismo abstrato mas pela observação. Testemunhas oculares o viram e ouviram. Elas nos falaram a esse respeito, da forma como nos falam acerca de todos os eventos que ocorreram antes de nossa época: oralmente e por escrito.

Huxley: Então, você confia na prova textual.

Lewis: Claro, da mesma forma que você confia em evidência textual para conhecer os ensinamentos de Platão, ou os feitos de Júlio César.

Huxley: E um texto de dois mil anos de idade pode estar certo?

Lewis: Você duvida que César tenha sido imperador, ou que ele tenha conquistado a Gália?

Huxley: Não.

Lewis: Você pode provar tudo isso?

Huxley: Não. É esse o *xis* da questão para mim. Isso tudo nada mais é que uma afirmativa histórica...

Lewis: Mas mesmo assim, mesmo não podendo provar da mesma forma que se prova uma afirmativa matemática, você não duvida que César tenha conquistado a Gália, duvida?

Huxley: Bem... na verdade, não.

Lewis: Por que não, se os textos não *provam* isso?

Huxley: Eles nos fornecem prova disso — a melhor prova que temos. E parece não haver nada que prove o

contrário, nenhum motivo para se duvidar do que foi registrado.

Lewis: Então você tem duas razões para crer num evento histórico: prova textual a favor dele e nenhuma prova em contrário.

Huxley: Sim.

Lewis: Então, porque você não acredita que Jesus tenha reivindicado ser divino? Existe abundante prova textual em favor disso, e nenhuma prova em contrário.

Huxley: Porque os textos do Novo Testamento não são como os relatos das guerras gálicas de César; são mito, não história.

Lewis: Como é que você sabe disso?

Huxley: Se eu lesse que César nasceu de uma virgem, ou ressuscitou dos mortos, acharia que a história de César também era um mito.

Lewis: Então, você acha que os Evangelhos são mito só porque contêm histórias de milagres.

Huxley: Suponho que sim.

Lewis: Acho que você está argumentando em círculo.

Huxley: Como? Não consigo ver isso.

Lewis: Você acha que Jesus jamais reivindicou a divindade, certo?

Huxley: Certo.

Lewis: E que ele realmente não nasceu de uma virgem, nem literalmente ressuscitou dos mortos, certo?

Huxley: Certo.

Lewis: E sua justificativa para duvidar de que estas coisas tenham realmente acontecido é que a prova não é conclusiva, certo?

Huxley: Certo. A única prova é a alegação dos textos. Não é o fato de Jesus ter alegado ser divino, mas de os

textos alegarem que Jesus alegou ser divino. Acho que confiaria no que Jesus dissesse, mas não confio necessariamente no que os textos dizem.

Lewis: Então, você duvida que Jesus tenha reivindicado divindade porque você duvida dos textos.

Huxley: Sim.

Lewis: Mas seu motivo para duvidar dos textos é por achar que são apenas mito e não história, certo?

Huxley: Certo.

Lewis: E o motivo pelo qual você acha que são mito e não história é porque contêm histórias de milagres como a de Deus tornando-se homem e reivindicando ser divino.

Huxley: Oh! oh! Percebo. Está mesmo parecendo um argumento circular.

Lewis: Certamente. Você duvida do milagre por duvidar do texto, e duvida do texto por duvidar do milagre que ele descreve.

Huxley: Mas seguramente é correto classificar um texto como mito quando está cheio de histórias de milagres ao invés de sóbrios eventos históricos.

Lewis: Somente se você assumir previamente uma posição filosófica de que milagres não podem acontecer. Vai aos textos com essa filosofia em mente. Você não decide se o texto é mito ou história com base puramente textual, urna base neutra e científica, conforme alega. Se sua filosofia lhe permitisse crer em milagres, você aceitaria os relatos bíblicos acerca deles com tanta facilidade quanto aceita os relatos seculares das guerras. Os textos bíblicos são pelo menos tão bem estabelecidos quanto qualquer um dos seculares.

Huxley: Que quer dizer com isso?

Lewis: Que muitos acontecimentos que são aceitos indubitável e universalmente na história secular têm muito menos prova textual do que os eventos narrados nos Evangelhos. Foram escritos mais tarde, muito tempo após o

evento; e há menos cópias deles para permitir uma comparação. Se não contivesse nada de milagroso, a história bíblica seria aceita tão bem quanto a secular.

Huxley: Mas, Lewis, certamente você, como homem das letras que é, está consciente do progresso na área de crítica da forma. O problema não é tão simples quanto você o faz parecer. A hermenêutica não é tão fácil assim.

Kennedy: Herme-o-quê?

Huxley: Hermenêutica. A ciência da interpretação, especialmente de textos e de formas literárias, tais como a diferença entre a forma literária do mito e da história. A crítica da forma simplesmente demoliu a credence ingênua de que a Bíblia é historicamente exata.

Lewis: Não fez nada disso. Quando usada apropriadamente, não reduz a história a mito, nem o mito a história. Ela nos diz para ler poesia como poesia e prosa como prosa, simbolismo como simbolismo e testemunhos oculares como testemunhos oculares. E os Evangelhos estão cheios de testemunhos oculares.

Huxley: Então, por que a maioria dos críticos da forma é desmitologizadora?

Lewis: Por causa da filosofia deles, e não por causa da evidência literária que encontram. A grande parte deles assume que milagres não acontecem e depois lêem todos os textos que contêm milagres como sendo mito, quer tenham a forma literária do mito ou não. Isso nada mais é do que péssima crítica da forma; ela lê a forma não em termos literários mas filosóficos.

Huxley: E quem é responsável por um erro tão idiota?

Lewis: O mais famoso é um certo homem grosseiro, minúsculo...

Huxley: Rudolf Bultmann? Seguramente, a "desmitologização" é mais antiga que ele.

Lewis: É sim. Data desde o século dezoito, e até do século dezessete com Spinoza. Mas foi Bultmann quem tornou a desmitologização tão popular.

Huxley: Na realidade, ela data do tempo dos gnósticos, nos primeiros séculos da era cristã.

Lewis: Ouvi falar a seu respeito como um gnóstico moderno. Então você aceita essa classificação?

Huxley: Sim.

Lewis: Os maniqueístas eram uma espécie de gnósticos, não eram?

Huxley: Uma espécie.

Lewis: Eles tinham uma interpretação especial, simbólica ou mística das Escrituras, como os gnósticos, não tinham?

Huxley: Sim.

Lewis: Quer-me parecer que o argumento de Santo Agostinho contra eles ainda está de pé.

Huxley: Que argumento é esse?

Lewis: Está nas *Confissões*, Livro 5, capítulo 11. Um certo Elpídio os havia refutado com base na Escritura e a resposta dos maniqueístas, diz Agostinho, "pareceu-me fraca — na verdade, eles preferiram não dá-la em público, mas somente entre nós, em particular (o próprio Agostinho era maniqueísta) — sendo que a resposta era a de que as Escrituras do Novo Testamento haviam sido corrompidas".

Huxley: O que há de tão "fraco" com essa resposta?

Lewis: Agostinho continua dizendo que "no entanto, os maniqueístas não fizeram o mínimo esforço para apresentar cópias não corrompidas".

Huxley: Ah! mas *há* textos gnósticos primitivos, tais como o Evangelho de São Tomé.

Lewis: Que foram continuamente declarados não-canônicos pela igreja, e que continuamente manifestaram o

estilo literário do mito, com suas histórias de mágicas espalhadas de modo arbitrário, ao invés do estilo sóbrio das narrativas de testemunhos oculares dos Evangelhos. Esses dois aspectos diferenciam claramente os materiais gnósticos dos ortodoxos.

Huxley: Analisemos seus dois aspectos, um de cada vez. Para a primeira acusação permanecer, você tem de tomar a posição católica ao invés da protestante quanto à relação entre as Escrituras e a igreja. E contudo você não é católico.

Lewis: E por que preciso seguir a linha católica?

Huxley: Você acredita no princípio da causalidade?

Lewis: Claro que sim. Acabei de usá-lo com Jack há alguns minutos.

Huxley: Assim, o efeito não pode ser maior que a causa?

Lewis: Não.

Huxley: Então, como pode uma igreja falível determinar infalivelmente o cânon de Escrituras infalíveis?

Lewis: Esse argumento é bem antigo, mas preferiria não discuti-lo por enquanto, se não se importar. Conforme disse antes, evitei fervorosamente todas as disputas entre as diferentes igrejas em meus escritos para poder concentrar-me sobre o "cristianismo puro e simples". Sinto que piso terra muito mais firme quando falo acerca do segundo critério, o literário. Afinal de contas, essa é a minha área.

Huxley: Concedo-lhe seu próprio campo para a disputa. Quais são os critérios literários para rejeitar os materiais gnósticos e aceitar os tradicionais?

Lewis: Todo o sabor, toda a atmosfera são diferentes.

Huxley: Como? Lendas brotaram em torno dos fundadores de todas as religiões: Buda, Maomé, Lao-Tzu. Por que não poderiam os relatos da ressurreição de Jesus dentre os mortos terem sido acrescentados mais tarde, da

mesma forma que os relatos de Maomé cavalgando seu corcel até a lua, ou os deuses espalhando pétalas de flores sobre Buda?

Lewis: Em primeiro lugar, há uma razão substancial; segundo, uma questão de estilo. Não acontecem milagres no islamismo ou no budismo. Maomé alegou que Alá ditou o Corão palavra por palavra, e esse deveria ser o *único* milagre no islamismo. Buda ensinou que a realidade separada do mundo material era ilusão; incluir milagres nesse mundo encorajaria, e não dissiparia, a ilusão. Mas a reivindicação *essencial* de Jesus é milagrosa; tire o milagroso do cristianismo e terá uma religião

totalmente diferente. Isso não acontece com o islamismo ou com o budismo.

Huxley: Como se ficaria com uma religião diferente?

Lewis: Fica-se com o cristianismo sem a Encarnação, a Redenção e a Ressurreição. O cristianismo é as boas *novas*. Sem esses acontecimentos, ele não é novidade de espécie alguma.

Huxley: É novidade conhecer um homem como Jesus. Ele é um novo tipo de homem.

Lewis: Novo como?

Huxley: Os próprios Evangelhos colocam o que ele foi de forma simples e adequada: "Jesus andou fazendo o bem."

Lewis: Mas que bem foi que ele fez? Visitou encarcerados? Vestiu os que estavam nus? Fez uma limpeza na política local? Não. Ele fez *milagres*. Elimine isso e não resta muita coisa que ele tenha feito.

Huxley: Hummm. Nunca pensei sobre isso dessa maneira. Mas vamos à sua segunda diferença, a de estilo. Você disse que todo o sabor dos Evangelhos diferia do das lendas. Para mim, você ainda não provou isso. Você está remando contra a correnteza da erudição textual do século vinte, sabe?

Lewis: Sei disso. Jamais o século vinte me deixou para trás. E também conheço alguma coisa acerca de textos, especialmente acerca de mitos, sabe? Toda a minha vida e amor literários foram tecidos em torno deles. Os Evangelhos simplesmente não se encaixam em seu molde literário.

Huxley: Por que não?

Lewis: Os detalhes realistas, para mencionar uma razão.

Huxley: Quais?

Lewis: Pequenas coisas, tais como Jesus escrever na areia quando lhe trouxeram a mulher acusada de prostituição para que a julgasse. É justamente o tipo de coisa que uma testemunha ocular colocaria na história, mesmo sem entender mais do que nós o que acontecia, mas *não* o tipo de coisa que um criador de lendas inventaria. Outra coisa, nomes e datas para definir o acontecimento no contexto histórico. As lendas são, quando muito, vagas acerca dessas coisas. Além disso apartes psicológicos, centenas de pequenos vislumbres penetrantes dos caracteres que as lendas simplesmente não possuem — não tentam possuir. Sua forma literária não admite essa dimensão.

Huxley: Mas mesmo admitindo essas diferenças, o que elas provam?

Lewis: Que se os Evangelhos não são testemunho ocular então são um tipo de fantasia absolutamente sem par em toda a literatura. Que alguns camponeses galileus — pescadores e arrecadadores de impostos — inventaram não apenas a mais gigantesca e bem-sucedida peta do mundo, como também uma forma totalmente inédita de literatura, a fantasia realista.

Huxley: Improvável, se eu aceitar sua análise, mas mesmo assim possível. Neste ponto, o argumento é inconclusivo.

Lewis: Ah! mas você percebe o que a inconclusão significa logicamente?

Huxley: O quê?

Lewis: Que é a sua objeção que estamos investigando, não o meu argumento original.

Huxley: Bem, estou atacando uma premissa da qual você precisa para o seu argumento, isto é, que Jesus realmente reivindicou a divindade.

Lewis: E como seu ataque é inconclusivo, meu argumento ainda está de pé.

Huxley: Não contra a minha segunda objeção, isso não. Acho que ainda há muita coisa a ser dita acerca desta primeira objeção, mas ao invés de ficar surrando um cavalo inconclusivo, gostaria de montar uma objeção simples, forte e clara que pode admitir a validade de seus textos e ainda escapar ao seu argumento *aut deus*.

Lewis: Pode levantar quantas objeções quiser.

Huxley: A segunda objeção admite que Jesus tenha reivindicado a divindade mas entende essa reivindicação da mesma maneira que devemos entender a reivindicação semelhante feita por milhares de místicos hindus ou budistas. Eles também reivindicam a divindade e *não são loucos*; portanto, Jesus não é o único a se encaixar em sua quarta categoria. Quase todo místico iluminado alega a mesma coisa. Jesus usa uma metáfora pessoal, dizendo que Deus é seu Pai. Outros usam metáforas diferentes: somos gotas no oceano divino, fagulhas do fogo divino, pensamentos da mente divina, células do corpo divino, personagens do drama divino. Dá na mesma. Jesus é o mestre da "filosofia perene" em hebraico; o guru dos judeus.

Lewis: "A filosofia perene" — esse é o título de sua antologia dos escritos dos místicos, não é?

Huxley: Sim. Foi meu livro favorito.

Lewis: Quer dizer que *Admirável Mundo Novo* não foi o seu predileto?

Huxley: Não, foi o predileto só dos meus leitores, da mesma forma que *Cartas do Coisa Ruim* foi o predileto dos

seus leitores, mas aposto que não foi o seu. Foi? Lewis: Não. Tive que colocar minha imaginação no inferno para escrever as cartas como se fosse um diabo. Parece que você fez algo um tanto parecido em *Admirável Mundo Novo*, ao imaginar o interno do modernismo em sua apoteose.

Huxley: Sim. E não muito distante, se você acompanhar *Brave New World Revisited* ("Admirável Mundo Novo Revisitado"). Mas, retornando ao argumento: "a filosofia perene" é aquela abraçada por todo grande sábio e mestre espiritual, inclusive Jesus de Nazaré. Ele é grande mas não é singular.

Lewis: Você expôs uma posição muito importante e muito popular, eu acho. Se é verdadeira ou não, ainda está para ser provado. Vamos descobrir definindo primeiro os nossos termos. Esta "filosofia perene" é basicamente o panteísmo, não é?

Huxley: Não, não gosto dessa palavra.

Lewis: Não foi isso que perguntei. Minha pergunta foi se "a filosofia perene" era ou não o mesmo que panteísmo.

Huxley: Não se você quer dizer no sentido ocidental.

Lewis: O que é o "sentido ocidental"?

Huxley: Você parte do conceito ocidental acerca de Deus, de *theos*, e depois diz que tudo, *pan*, é esse *theos*.

Lewis: E quando se refere ao conceito ocidental de Deus, você quer dizer...?

Huxley: Um Criador pessoal, distinto de sua criação.

Lewis: É esse mesmo o conceito ocidental de Deus.

Huxley: Sim. E dizer que o Deus que é distinto de todas as coisas é todas as coisas é simplesmente absurdo.

Lewis: Uma autocontradição.

Huxley: Contudo, ela contém um grãozinho de verdade em uma fava toda deformada de palavras.

Lewis: E essa verdade é...?

Huxley: A de que tudo é Um.

Lewis: Monismo.

Huxley: Pode usar esse rótulo contanto que não interprete a idéia como um "bloco de coisas" estático. O Um a que me refiro é espírito, dinamismo, vida, consciência.

Lewis: Conheço essa idéia. Para dizer a verdade, eu mesmo quase acreditei nela certa vez.

Huxley: Oh! Quando foi isso?

Lewis: Descrevi o que aconteceu em minha autobiografia, *Surprised by Joy* ("Surpreendido Pela Alegria"). Quando deixei de ser ateu e comecei a investigar as alegações das maiores religiões do mundo, cheguei à conclusão que o hinduísmo e o cristianismo eram, em última instância, as únicas opções.

Huxley: Muita perspicácia de sua parte. Mas elas não são duas, e sim uma só. É aí que está o seu erro: outro exemplo do seu modo ou um/ou outro, preto-e-branco, de pensar. Você não consegue enxergar que todas as religiões são uma só em seu âmago místico, da mesma forma que toda a realidade é uma só em seu âmago místico. O que é inevitável, já que religião tem a ver com realidade.

Lewis: Concordo que religião tem a ver com realidade. Se a realidade é uma só é um grande problema de filosofia, e não facilmente resolvido. Mas quanto a todas as religiões serem uma é um problema de observação, e esse sim é fácil resolver: é só olhar para os seus ensinamentos. Eles *não* são a mesma coisa pois ensinam coisas contraditórias.

Huxley: Parecem ensinar. Mas apenas na superfície, não em seu âmago. Talvez você tenha lido *The Transcendent Unity of Religions* ("A Unidade Transcendental das Religiões"), de Fritjof Schuon? Alan Watts mostrou a mesma coisa em um estilo mais popular e vivido: que há dois níveis ou dimensões em religião — o exotérico e o esotérico, o externo e o interno, o público e o particular, o revelado e o oculto. A parte externa de uma religião é seu credo, código e

culto: suas palavras, obras e adoração. Mas o cerne, a essência mais íntima, é a experiência de união.

Lewis: Quer-me parecer que você está dizendo que o cristianismo e o budismo são muito semelhantes, especialmente o budismo.

Huxley: Você está plagiando isso de Chesterton.

Lewis: Estou, sim. Alegro-me por você tê-lo lido.

Huxley: O que quer dizer isso?

Lewis: Quer dizer que você está usando categorias orientais para interpretar o cristianismo; você está orientalizando o cristianismo, sintetizando por anexação imperialismo espiritual.

Huxley: Por que diz isso?

Lewis: Por que a própria distinção esotérica / exotérica é uma doutrina esotérica, e não exotérica. Aplica-se às religiões orientais esotéricas mas não às religiões ocidentais exotéricas. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo são religiões públicas, abertas, democráticas, religiões de um Livro, aberto para todos lerem, e não religiões de experiências ocultas conhecidas apenas pelos místicos iniciados. São religiões da história e dos atos e palavras de Deus na história. O cristianismo é em última instância a Palavra de Deus na história. Todos fatos públicos, e não misticismo particular.

Huxley: Você provavelmente é um desses sujeitos desconfiados que pensa que misticismo é algo que começa nebuloso e termina em divisão, com o eu no centro. Lewis: Na realidade, ia dizer algo diferente: a observação de Ronald Knox acerca de "religião comparativa".

Huxley: Qual é?

Lewis: A de que ela torna a pessoa comparativamente religiosa.

Huxley: Então você não é a favor do ecumenismo? Lewis: Não quando significa idéias confusas e ignorar as contradições.

Huxley: As contradições aparecem apenas no nível externo, o exotérico. Se quisesse penetrar até o âmago, descobriria que todas as contradições foram resolvidas no Um. Mas você ignora esse nível mais profundo. Lewis: No cristianismo, o nível mais profundo veio a público: "Porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude." Não estou ignorando o cristianismo esotérico; como poderia ignorar algo que não existe? Ele é invenção sua.

Huxley: Ele certamente está nos místicos, e, sabe, há muitos místicos cristãos.

Lewis: Nossos místicos ortodoxos, como Bernard de Clairvaux ou João da Cruz, apenas experimentam as verdades dos dogmas conhecidos, a revelação exotérica. Os místicos heréticos ou heterodoxos, como Meister Eckhart, parecem contradizer os dogmas, e são os únicos que você pode arrolar do lado da "filosofia perene" do monismo. Assim, o cristianismo não envolve o misticismo esotérico, apenas o exotérico.

Huxley: Você pode rotular Eckhart de herético, mas com certeza não vai dizer que Jesus foi um deles. E no entanto ele também ensinou a "filosofia perene", uma vez que se remova a bagagem cultural.

Lewis: A bagagem cultural?

Huxley: Desculpe a mistura da metáfora. Jesus traduziu a filosofia perene em termos limitados pela cultura judaica.

Lewis: Ah! então Jesus foi o guru dos judeus, assim como Lao-Tzu foi o guru dos chineses?

Huxley: Sim, ele traduziu a verdade universal em termos semíticos, e o mundo ficou preso aos termos e deixou a verdade passar despercebida.

Lewis: E a verdade é o monismo?

Huxley: Sim, e Jesus é um guru, não um Deus.

Lewis: Alegro-me por você colocar esse conceito de forma tão simples e incisiva.

Huxley: Por quê?

Lewis: Porque agora posso refutá-la de forma simples e incisiva.

Huxley: Ih!

Lewis: Falando sério, erros tolos e confusos carecem de refutações tediosas e confusas, mas é preciso ter mente muito clara e incisiva para enunciar algo tão claramente refutável.

Huxley: Vamos então a esta "refutação clara", por favor. Estou certo de que a filosofia perene não vai ruir como um castelo de areia sob os golpes de lógica de um lente oxfordiano! As mais importantes mentes do mundo já a experimentaram e por isso sabem ser verdadeira.

Lewis: Podem ter experimentado a união mística, mas é impossível que tenham experimentado sua asserção de que Jesus a ensinou.

Huxley: Por que não?

Lewis: Ora, porque não estavam lá para ouvi-lo, é claro.

Huxley: Que bobagem! Claro que não. Como poderiam estar?

Lewis: Mas todos os textos, todos os relatos de testemunhas oculares de Jesus, todos os dados mostram o oposto: que ele ensinou não o panteísmo, mas o teísmo; não que Deus era tudo, mas que Deus era o Criador de tudo; não que todos somos congenitamente divinos, mas que precisamos nos tornar divinos; não que todos somos parte da perfeita divindade, mas que estamos em pecado e precisamos de um Salvador...

Huxley: Ei, espere um pouco! Muita coisa de uma vez só. Vamos parar e analisar essas aparentes diferenças. Lewis: Vamos, sim. E quando as virmos, perceberemos a clara refutação de sua idéia de que Jesus nada mais é do que o guru dos judeus, e que sua intenção foi a de pregar a mesma coisa que Lao-Tzu e Buda. Porque, se fez isso, foi o

mestre mais espetacularmente mal-sucedido e enganador de toda a história humana.

Huxley: O quê? Por quê?

Lewis: Porque promoveu continuamente um bom número de ilusões, do seu ponto de vista monista, e conduziu *todos* os seus seguidores pela senda do erro por séculos, até que, finalmente, dois mil anos depois, alguns eruditos como você apareceram e descobriram que ele realmente quis dizer o exato oposto do que disse.

Huxley: Ridículo!

Lewis: Concordo plenamente.

Huxley: Vamos ser específicos. Quais são essas "ilusões", esses "erros" que Jesus ensinou?

Lewis: "Erros" do *seu* ponto de vista, não do meu. Contradições à filosofia perene dos gurus.

Huxley: Bem, quais são? **Lewis:** Bem, há pelo menos seis.

Huxley: Oh! oh! Se estas seis questões são tão cruciais quanto você diz, vamos precisar de mais seis diálogos. Pode expor as diferenças da forma mais breve e doce possível?

Lewis: Breve, sim. O doce está na língua de quem prova. Entretanto, tentarei expô-las da forma mais breve e simples possível, mesmo correndo o risco de simplificá-las demais.

Huxley: Simplifique à vontade.

Lewis: Eu disse "o *risco* de simplificar demais"; tentarei evitar que isso aconteça.

Huxley: Vá em frente.

Lewis: Primeiro, Jesus claramente acreditava e ensinava que Deus é um Deus pessoal, e não impessoal. Ele orava a seu Pai. Ele gostava muito de orar repetindo os Salmos, até mesmo na cruz; lembra-se: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Huxley: Isso era apenas sua limitação local, sua expressão cultural, sua raiz no judaísmo que era distinta de sua universalidade. O âmago é universal, a capa lingüística exterior é particular.

Lewis: Mas no judaísmo — pelo menos, com certeza no judaísmo dos dias de Jesus — a personalidade de Deus e a vontade de Deus eram precisamente o âmago, e *não* a capa exterior.

Huxley: Prove isso.

Lewis: Quem é o maior dos profetas, segundo os judeus?

Huxley: Moisés.

Lewis: Certo. Agora, o que faz um profeta ser grande?

Huxley: A pergunta é muito abrangente para ser respondida. Há dezenas de maneiras de ser grande.

Lewis: Certo de novo. Quero dizer, grande *como profeta*. Para ficar sabendo porque Moisés é o maior dos profetas, precisamos descobrir o que é um grande profeta, e para saber o que é um grande profeta, precisamos descobrir o que é um profeta.

Huxley: Precisamos mesmo fazer tudo isso? Lewis: Se quisermos ter certeza, precisamos. Darei uma definição rápida e indolor. Um profeta é uma boca.

Huxley: Uma boca.

Lewis: Sim. O porta-voz de Deus. O instrumento humano através do qual Deus se revela.

Huxley: Então, um grande profeta é uma boca grande.

Lewis: Sim, aquela através da qual Deus revela mais de si mesmo. Assim, Moisés é o maior dos profetas para os judeus porque Deus revelou mais de si mesmo através de Moisés do que de qualquer outra pessoa. Tudo bem até aqui?

Huxley: Tudo bem. Mas o que foi que Deus revelou através de Moisés que não revelou através de mais ninguém?

Lewis: Seu nome.

Huxley: Ele tem muitos nomes.

Lewis: Não, nós é que lhe *damos* muitos nomes. Somente uma vez ele nos disse o próprio nome, não o nome que lhe damos, mas o nome que ele mesmo se dá. E ele o contou a Moisés.

Huxley: Você está falando do EU SOU. Lewis: Sim.

Huxley: Já discutimos isso antes, com o Jack. Lewis: Mas o que estou mostrando aqui é que este é o nome de uma pessoa, seja humana ou divina, terrena ou extraterrena. A essência do Eu, o fato do ego (não é egoísmo) — a natureza da realidade última para um judeu e para Jesus. Ora, o que é este ego, de acordo com a sua filosofia perene?

Huxley: É a ilusão final, o empecilho final à Revelação. Lewis: Exatamente. Portanto, Jesus ensinou o exato oposto do que os gurus ensinam na questão mais final de todas, a da natureza de Deus, da natureza da realidade final.

Huxley: Chamar Deus de ego é antropomorfismo à potência máxima. A realidade humana projetada sobre a divina. Como pode ser tão apegado ao seu pequenino ego que não enxerga isso? Você está fazendo Deus à sua própria imagem.

Lewis: Ou vice-versa. A explicação bíblica do nome divino também se encaixa igualmente nos fatos: que Deus nos fez à sua imagem.

Huxley: Quais são "os fatos" aqui? Lewis: Dois. Um, que experimentamos a nós mesmos como Eu, como pessoas que têm consciência de si próprias, quer essa experiência seja verdadeira ou ilusória. Dois, que os judeus, que dizem ser o povo escolhido de Deus, alegam ter recebido do próprio Deus, por intermédio de seu maior profeta, Moisés, a revelação de que seu nome é EU SOU — quer essa alegação seja verdadeira ou falsa. Esses são os fatos. Duas hipóteses opostas foram apresentadas para explicar tais fatos: primeira, meu ponto de vista bíblico, o qual diz que

Deus nos criou à sua própria imagem, e que somos *Eus* porque ele é *Eu*; e, segunda, seu ponto de vista panteísta que diz que nós criamos Deus à nossa própria imagem e que tanto o ego humano quanto o divino são ilusórios.

Huxley: Exatamente. E agora permita-me mostrar-lhe por que minha hipótese é infinitamente superior.

Lewis: Mas para isso precisaríamos de mais um diálogo completo. O ponto em questão deste é Jesus, e dei esta volta bem grande para chegar à sarça ardente apenas para provar uma coisa: que, certo ou errado, Jesus ensinou a teologia oposta à sua e à de seus gurus.

Huxley: Tenho uma hipótese que explica isso também. Ele não poderia ter-se confinado a tal ilusão e antropomorfismo. Os judeus simplesmente o compreenderam mal, tanto seus discípulos quanto seus inimigos. O misticismo não é uma filosofia fácil de compreender ou aceitar, como bem sabe, e seria para eles a coisa mais natural do mundo interpretá-la mal, traduzir os ensinamentos radicalmente diferentes de Jesus em termos mais confortáveis e conhecidos para eles.

Lewis: Mas não existe absolutamente prova alguma disso, nos registros bíblicos, na tradição, na história. De fato, os termos nos quais sua pregação é registrada no Novo Testamento já são tão radicais e contundentes, especialmente para um judeu, quanto poderiam ser.

Huxley: Mesmo assim, é bem possível que ele tivesse ensinado a filosofia perene em uma forma esotérica, e apenas seu ensinamento exotérico tivesse sido registrado.

Lewis: Mas simplesmente não há prova textual alguma de um tal ensinamento esotérico. Há muitas coisas que seus discípulos não compreendem a princípio, mas todas se tornam claras mais tarde — coisas como sua morte e ressurreição e o cumprimento de profecias do Antigo Testamento — e nenhuma delas é esotérica. Todas são públicas.

Huxley: Somos livres para tirar conclusões opostas, como fazemos, a partir dos mesmos dados.

Lewis: A partir de que dados você tira sua conclusão esotérica? Você ignora todos os dados que temos, a Escritura e a tradição.

Huxley: Tradição ortodoxa, sim. Mas existem também os gnósticos, lembra-se? *Eles* eram cristãos esotéricos.

Lewis: Eram esotéricos, mas não cristãos. Eram heréticos.

Huxley: Apenas se julgados por seus padrões ortodoxos. Pelos padrões gnósticos, o cristianismo ortodoxo é uma heresia. Com que direito você julga o gnosticismo por padrões ortodoxos em lugar de julgar a ortodoxia por padrões gnósticos?

Lewis: Estamos falando de Jesus. Jesus foi um judeu. Os gnósticos eram não-judeus em sua filosofia sobre todas as seis questões que estamos discutindo aqui.

Huxley: Certo. E o cristianismo primitivo cometeu o erro de reverter ao judaísmo.

Lewis: Reverter de onde?

Huxley: Dos ensinamentos gnósticos revolucionários de Jesus, que seus discípulos judeus compreenderam mal.

Lewis: E onde conseguiu esse ensinamento? Ele nasceu e foi criado no judaísmo, não na Índia ou Egito ou Pérsia. É totalmente não-histórico imaginar um Jesus solto no ar, face a toda a evidência textual! Por que arrancar Jesus de seu contexto na história?

Huxley: Não *toda* a evidência textual, por favor...

Kennedy: Desculpem-me por interromper, mas gostaria de ouvir o restante das seis questões de Lewis, e se começarmos a remexer na ilusão da evidência textual, ficaremos divagando por muito tempo.

Lewis: Concordo, especialmente porque estas seis questões são minha resposta ao Huxley quanto ao seu

imaginário Jesus gnóstico, místico e orientalizado. Elas mostram quanto judeu Jesus era.

Huxley: Podem mostrar quanto judeu o Jesus dos textos ortodoxos era, mas não o Jesus histórico, a menos que se assuma uma identidade entre os dois; isto é, a menos que se assuma que os textos ortodoxos são fidedignos.

Kennedy: E essa é a ilusão de que falei antes. Lewis pelo menos me deixou em dúvida quanto às minhas dúvidas com seus argumentos textuais há pouco. Acho que não se pode esperar mais do que isso de uma conversa. Vamos prosseguir com as outras cinco questões.

Huxley: Está bem, especialmente por eu achar mesmo nos textos ortodoxos muita evidência a favor de Jesus como guru ao invés de Deus, e Lewis não. Portanto, ainda podemos argumentar a partir deles. Qual é a sua segunda questão acerca da qual Jesus ensinou o oposto do que ensinam os gurus, Lewis?

Lewis: Deus como Criador. Para os judeus, Deus é absolutamente distinto de sua criação. Nenhuma outra religião ou filosofia em toda a história do mundo jamais aventou a idéia de Deus ter criado o mundo a partir do nada.

Huxley: O islamismo, assim como o cristianismo.

Lewis: Simplesmente seguem o judaísmo neste ponto.

Huxley: Sim, mas todas as religiões do mundo mostram Deus ou os deuses como algum tipo de criador ou originador do mundo. Será que a questão técnica da criação a partir do nada em lugar de a partir de algo faz uma diferença tão crucial em sua idéia de Deus?

Lewis: Faz uma diferença crucial em sua idéia do *mundo*. Nas três religiões ocidentais que aceitam o relato do Gênesis, o mundo *não* é Deus e nem uma ilusão. Nas religiões orientais, ou o mundo é Deus ou uma ilusão, ou parte da mente ou do corpo de Deus, ou *maya*, um truque.

Huxley: Mais uma vez, eu pergunto: Por que esta questão é tão crucial?

Lewis: Porque ela não é apenas "esta questão". Ela caracteriza toda a religião, esta verdadeira distinção entre o Criador e a criatura, esta realidade separada de criaturas.

Huxley: Como?

Lewis: Um aspecto de tudo o que existe no mundo criado, a mente assim como a matéria, é o tempo.

Huxley: Sim.

Lewis: Ora, o tempo é real ou não?

Huxley: Em última instância, não. Não de acordo com os místicos.

Lewis: Mas se Deus criou o mundo, o tempo é real. É por isso que o cristianismo, assim como o judaísmo, leva a história tão a sério. É uma religião histórica, um conto, um relato feito por testemunhas oculares de ações e palavras que se deram no mundo. O cristianismo é o "evangelho", as boas *novas*. Mas nas religiões orientais, o único evangelho é o de que o tempo é uma ilusão, de que não *há* novas.

Huxley: A falta de novas é, em si, boas novas.

Lewis: Touché. Disse-o muito bem. Mas, com certeza, você percebe a enorme diferença.

Huxley: Os gurus pregam o desapego da ilusão do mundo, do tempo e do espaço e da matéria e do corpo. Mas o cristianismo também enfatiza bastante o desapego, como sabe.

Lewis: Da cobiça e do egocentrismo e do egoísmo, sim. Mas não do mundo em si.

Huxley: E que me diz do conselho para "não amar o mundo"? É de João, o Evangelista. E que diz de "o mundo, a carne e o diabo" como sendo os três grandes inimigos?

Lewis: Se examinar a palavra grega, descobrirá que o vocábulo usado para "mundo" é *aion*: eon, era. É uma palavra para descrever tempo, não espaço. Significa: Não

amem a antiga ordem. Cristo veio e mudou a história. Amem a nova realidade, o Corpo de Cristo na história, não a antiga realidade, a ordem decaída e pecaminosa do mundo.

Huxley: Mas a esperança do cristianismo não é a de ser liberto *do* mundo para alcançar o paraíso?

Lewis: Paraíso, não. O céu. Huxley: E qual é a diferença?

Lewis: O paraíso é o Éden. Ele já ficou para trás. O céu está à nossa frente. Veja os diferentes tipos de imagem usados pelas religiões orientais e pelas ocidentais. As orientais estão constantemente mostrando a iluminação como um *retorno* — à "massa bruta intacta", à inocência e simplicidade e pureza da infância...

Huxley: Quer-me parecer que houve um certo guru chamado Jesus que disse a mesma coisa: "Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira alguma entrará nele".

Lewis: "*Como uma criança*", sim; não "*permanecer uma criança*".

Huxley: Qual é a diferença?

Lewis: Há progresso, mudança, crescimento, amadurecimento, a direção para a frente. Além disso, devemos nos tornar como criancinhas apenas em alguns sentidos, não todos.

Huxley: Que sentidos?

Lewis: Humildade e confiança.

Huxley: Como é que você sabe que foi isso que ele quis dizer?

Lewis: Isso parece ser aquilo acerca do que ele está falando no contexto, e no contexto mais amplo de sua vida e ensinamentos em geral. Ele está sempre a apelar para a esperança, e a fazer promessas. Ele é muito voltado para o futuro.

Huxley: A moderna ilusão de progresso.

Lewis: Não, progresso não; esperança. Não progresso automático, e não progresso humano, mas esperança nas promessas de Deus. Conte as promessas registradas na Bíblia algum dia; há mais de trezentas delas, trezentas promessas distintas.

Huxley: Mas há nostalgia também... Éden... a versão bíblica do mito universal do Paraíso Perdido.

Lewis: Mas na versão bíblica, Deus bloqueia esta nostalgia natural. Depois da Queda, ele envia um serafim com uma espada chamejante para barrar a entrada do portão oriental do Éden para que Adão e Eva não possam voltar ao Paraíso. Agora, eles precisam buscar a Deus "A Leste do Éden", através do tempo e da história e do mundo e de lutas e sofrimento e morte.

Huxley: Por que "A Leste do Éden"?

Lewis: Porque é onde se ergue a estrela da manhã.

Huxley: A Estrela da Manhã? Cristo?

Lewis: Uma coincidência providencial, talvez; no mínimo, um trocadilho profundo. A questão é que cristãos e judeus olham para a história, para o futuro, para seu Salvador, seu Messias.

Huxley: Um erro descabido. Deveriam olhar para a eternidade.

Lewis: Mas a questão é que eles *olham* para a história, ou para os atos e palavras do Deus eterno na história. É isso o que está na Bíblia, e que é muito diferente das religiões orientais. A única coisa que estou tentando mostrar aqui não é que os judeus e os cristãos estão certos embora naturalmente eu acredite que estejam), apenas que eles são diferentes dos gurus.

Huxley: Somente por terem compreendido mal o nível mais profundo do ensinamento do seu próprio guru.

Lewis: Lá vai você de novo, inventando um ensinamento esotérico oriental que simplesmente não existe.

Huxley: Não é assim tão simples, sabe? Os textos são muitas vezes passíveis de uma interpretação profundamente esotérica. Por exemplo: "O Reino de Deus está dentro de vós."

Lewis: A palavra grega usada aí pode significar igualmente "está *entre* vós" ou "no meio de vós."

Huxley: Precisamos discutir acerca dos textos num outro dia. Vamos agora à terceira diferença.

Lewis: Certo. O Deus dos panteístas está além de todo dualismo, não está?

Huxley: Correto.

Lewis: Portanto além do dualismo do conhecedor e do conhecido, mente e seu conteúdo, sujeito e objeto do pensamento, certo?

Huxley: Certo. A consciência não-dualista é a iluminação.

Lewis: E é por isso que Deus não pode ser conhecido, estou certo?

Huxley: Como objeto, sim.

Lewis: Deus não é um objeto, e portanto não um objeto do pensamento.

Huxley: Sim. E assim sendo, não se pode conhecê-lo. Lewis: Mas para os judeus e cristãos, Deus *pode ser* conhecido.

Huxley: O quê? O Ser Infinito pode ser conhecido por mentes humanas finitas? Que tolice!

Lewis: Não conhecido em sua natureza essencial, e não conhecido naturalmente. Mas ele se dá a conhecer mediante seus atos. Ele se revela em atos visíveis e palavras escritas.

Huxley: Você acredita de verdade que Deus literalmente falou aos homens? Que sua mão escreveu os Dez Mandamentos nas tábuas de pedra de Moisés?

Lewis: A Bíblia diz que ele fez isso.

Huxley: Mas, com certeza, você não é tão ingênuo assim, Lewis. Afinal de contas, você é uma pessoa versada em literatura.

Lewis: E daí? Descobri que os estudiosos são pelo menos tão ingênuos quanto os não-estudiosos, embora acerca de coisas diferentes.

Huxley: Você não acha, com toda honestidade, que é bem mais provável os judeus terem simplesmente interpretado certas coisas como sendo a presença de Deus em sua história? Que, rememorando algum acontecimento maravilhoso como por exemplo o Êxodo do Egito, eles o tenham interpretado religiosamente e depois escrito esta interpretação em símbolos míticos como, no caso, a abertura milagrosa do mar Vermelho?

Lewis: Não, honestamente não acho.

Huxley: Por que não? Apenas por motivos de fé?

Lewis: Não, por motivos literários também.

Huxley: Pode dar-me um?

Lewis: Darei dois. Antes de tudo, um crítico literário deveria indagar à história que está analisando de que ela *trata*, e interpretar os acontecimentos particulares dentro do contexto da história toda. E a história da Bíblia trata de Deus buscando o homem...

Huxley: Você quer dizer o homem buscando a Deus.

Lewis: Não. Do ponto de vista bíblico, falar do homem buscando a Deus é o mesmo que falar do rato buscando o gato.

Huxley: Você escreveu isso em algum lugar.

Lewis: Sim. É-me permitido plagiar a mim mesmo. A questão é que o Deus da Bíblia invade o mundo do homem em lugar de o homem misticamente invadir a eternidade de Deus. O homem busca a Deus no lar do próprio Deus, a eternidade, mas Deus busca o homem no lar deste, o tempo.

E esse é o Deus da Bíblia, o Caçador do Céu, o amante divino, o Pai em busca de seu filho pródigo, o pastor das ovelhas perdidas. Deus toma a iniciativa. Deus sempre toma a iniciativa, desde o ato da Criação. O exemplo supremo é a Encarnação, exemplo supremo de levar a história e o tempo e o mundo criado a sério. Ao invés do Deus oriental passivo que é o sujeito da busca do homem, os esforços espirituais do homem, Jesus é o próprio Deus ocidental ativo, invadindo fisicamente o mundo do homem.

Huxley: Fisicamente? Ora, vamos, essa é uma interpretação bastante grosseira da Encarnação, não é?

Lewis: Ele nasceu do corpo de uma mulher ou não nasceu?

Huxley: Ah! mas precisamos penetrar o sentido mais profundo destes símbolos míticos.

Lewis: Os acontecimentos do Evangelho não são simples símbolos. São o relato do que as pessoas viram e ouviram e fizeram. E isto me leva a meu segundo motivo literário para não aceitar sua interpretação mítica. Conforme já disse antes, a forma literária dos Evangelhos é notavelmente diferente da do mito. Pode-se ver o mito em Homero, em Hesíodo, nos *Eddas*, no *Nibelungenlied*...

Huxley: E no Novo Testamento.

Lewis: Na verdade, você tem razão. Existe um livro no Novo Testamento escrito em forma mítica, simbólica: o Livro do Apocalipse. E pode-se ver a diferença entre a história dos Evangelhos e o mito comparando os Evangelhos com o Apocalipse. Os primeiros são relatos sóbrios de testemunhos oculares de acontecimentos presentes no mundo; o Apocalipse é simbolismo poético, imagens como de sonhos, coisas que ninguém vê no mundo fora dali.

Huxley: Lá vamos nós nas questões textuais outra vez. Vamos primeiro terminar nossas seis questões. Talvez voltemos ao assunto da desmitologização de novo antes de terminarmos.

Lewis: Está bem. A quarta diferença entre a teologia de Jesus e a dos gurus é que o deus dos gurus está acima de qualquer dualismo, e assim também acima do dualismo do bem e do mal, acima da moralidade.

Huxley: É isso mesmo; e isso deriva da unicidade final exatamente como a questão anterior, o fato de que o homem não conhece a Deus como um objeto, com *conhecimento* dualista sujeito-objeto. Por esse mesmo motivo, não há *vontade* dualista.

Lewis: Mas o Deus de Jesus é definitivamente bom, e não mau; justo, e não injusto; amoroso, e não cheio de ódio ou indiferente. "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma."

Huxley: Outra profunda ilusão esotérica, que tem causado incontável prejuízo psicológico ao mundo.

Lewis: Não diga. Como assim?

Huxley: Fazendo com que tentemos ser iguais a esse Deus, perfeitamente bom sem sombra de maldade, luz sem trevas. Impossível para nós, e portanto a causa de frustração e culpa infundas.

Lewis: Essas são as Más Novas por trás das Boas Novas, o diagnóstico da enfermidade que é pressuposta pela prognose de cura do Evangelho. Na realidade, a moralidade funciona como o *koan* do Zen, um desses enigmas indecifráveis cuja *finalidade* não é a de serem decifrados por nossos próprios esforços, mas sim a de nos abrir para algo mais grandioso.

Huxley: Algo mais do que a moralidade?

Lewis: Certamente. O Monte Sinai não está na Terra Prometida. Mas o caminho para se chegar a ela passa por essa montanha.

Huxley: Não entendo a razão de ser do seu simbolismo.

Lewis: A Lei, que foi dada no Monte Sinai, é um prefácio indispensável à salvação. É como se fosse um espelho que nos mostra nossas verrugas. Só que não pode removê-las.

Huxley: Isso nos coloca numa bela fieira de peixes!

Lewis: Exatamente. E quem nos pesca dali é o divino pescador.

Huxley: Quer-me parecer que você inventou um complicado mito de salvação para solucionar um problema que jamais deveria ter constituído problema em primeiro lugar. Deveria ter sido dissolvido, e não resolvido.

Lewis: Você está se referindo à moralidade?

Huxley: Sim, moralidade. O Deus que está acima do bem e do mal não é um Deus que nos tortura com a moralidade. Ele se encaixa em nossa duplicidade. Ele abrange e transcende tanto o bem como o mal, da mesma forma como nós o fazemos.

Lewis: Que Deus parece ser a projeção antropomórfica de nós próprios agora?

Huxley: Ainda digo que é o seu Deus, por ser uma projeção daquilo que você deseja ser: bom sem nenhum mal.

Lewis: Não, meu desejo de ser bom é uma resposta àquilo que Deus revelou: que ele é perfeitamente bom e sua vontade é a de que sejamos perfeitamente bons.

Huxley: Onde é que você encontra isso no judaísmo?

Lewis: "Sereis santos, porque eu sou santo", disse Deus ao seu povo.

Huxley: E onde está isso no cristianismo?

Lewis: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos céus."

Huxley: Bem, então o resultado deve ser uma frustração tremenda.

Lewis: Frustração, não; esperança. Lembre-se de que a Bíblia está cheia de promessas.

Huxley: E, enquanto isso, enquanto você está esperando, fica louco de tanto preocupar-se com a culpa.

Lewis: Não, a questão da culpa foi resolvida no Calvário, e não precisamos nos preocupar mais com ela. Jesus está constantemente a assegurar isso aos seus discípulos. É só olhar para todos aqueles "não temais".

Huxley: Olhe aqui, seu Deus se importa com a moralidade ou não?

Lewis: Sim.

Huxley: E pode-se supor que você também deve importar-se com a moralidade?

Lewis: Sim.

Huxley: E contudo o seu Deus está sempre a lhe dizer para não se preocupar.

Lewis: É isso mesmo.

Huxley: Bem, como pode importar-se sem se preocupar?

Lewis: "Ensina a nos importarmos e a não nos importarmos", conforme disse Thomas Eliot. Acho que importar-se é volitivo e preocupar-se é emocional. Precisamos querer, importar, escolher, decidir, amar o bem — como Deus o faz. Mas não temos de que temer ou nos preocupar. De qualquer maneira, desviamo-nos da questão de novo. A questão não é quem de nós está certo mas simplesmente de que nossos gurus ensinam coisas muito diferentes. Jesus, o judeu, é um moralista.

Huxley: Há moralistas orientais também, sabe? O Caminho Octuplo Nobre de Buda, e o *Dhammapada*...

Lewis: Mas qual é o propósito da moralidade nas religiões orientais?

Huxley: Purificar a alma de desejos egoístas a fim de que possa enxergar.

Lewis: Enxergar o quê?

Huxley: A verdade, a verdade última, a própria divindade inerente, *tat tvam asi*, "tu és isso".

Lewis: Mas o propósito da moralidade no Ocidente é o de amar, agradar, obedecer, louvar e glorificar a Deus, que deseja isso.

Huxley: Então, você trabalha para ganhar o céu, não é?

Lewis: De maneira nenhuma. Deus não nos salva porque somos bons, mas tornamo-nos bons porque ele nos salva. *Queremos* fazer isso; nós o amamos; não é uma lei onerosa, ou uma incursão no mundo da culpa.

Huxley: Penso que estamos divagando novamente.

Lewis: Sim, estamos. A questão principal é a diferença entre os seus gurus e o meu.

Huxley: Mas a moralidade é universalmente encontrada em todo o mundo, conforme você mesmo demonstrou em muitos lugares, notadamente em *The Abolition of Man*. A moralidade dos gurus é idêntica à de Jesus. O *Dhammapada* e o *Tao Te Ching* ensinam a mesma moralidade que o Sermão da Montanha. **Lewis:** Talvez no conteúdo, mas não no propósito. Acabamos de ver essa diferença.

Huxley: Está bem. Deixemos isso de lado por enquanto. Qual é a sua quinta diferença?

Lewis: A quinta questão é a mais importante de todas porque trata da mais importante pergunta que pode ser feita, a indagação acerca do propósito da vida humana, a pergunta: "Que preciso fazer para ser salvo?"

Huxley: Está bem, o que *preciso* fazer?

Lewis: Segundo Jesus, precisa nascer de novo.

Huxley: E o que isso quer dizer? Certamente não um êxtase emocional.

Lewis: Claro que não. Algo mais profundo do que as emoções, algo ontológico, e não apenas psicológico. Nascer de novo significa adquirir uma nova natureza, a natureza divina.

Huxley: Aha! Então o cristianismo, como o panteísmo, ensina que o homem é divino. Aí está a verdade esotérica. Lewis: Em primeiro lugar, não é esotérica, é um ensinamento público. Em segundo lugar, não é que todos nós sejamos divinos por natureza mas sim que precisamos *adquirir* uma natureza divina. Nascemos no mundo sem ela, em um estado de "pecado original", de separação de Deus.

Huxley: Outra idéia que produz sentimentos de culpa.

Lewis: Somente se vier separada da salvação, o problema sem a solução.

Huxley: A expressão *pecado original* não se encontra em parte alguma da Bíblia, sabe?

Lewis: Sei, sim. Mas a realidade que ela designa certamente está lá.

Huxley: Permita-me discordar. Há referências textuais abundantes quanto ao fato de sermos "filhos de Deus". Jesus nos ensina a chamarmos Deus de nosso Pai.

Lewis: Depois de nos tornarmos crentes e recebermos o princípio da natureza divina mediante a fé.

Antes disso, *não* somos filhos de Deus e Deus *não* é nosso Pai. É por isso que precisamos nascer de novo.

Huxley: Mas com certeza Deus é o Pai de toda a humanidade.

Lewis: O que você quer dizer com isso?

Huxley: Com certeza, Deus tem poder e justiça universais sobre toda a humanidade.

Lewis: Um tirano, rei ou parlamento pode ter isso. O que torna Deus um *Pai*?

Huxley: É certo que Deus ama e se importa com toda a humanidade.

Lewis: Uma babá ou pajem pode dar isso. O que pode um pai dar que ninguém mais pode dar? Lembra-se de nossa conversa anterior?

Huxley: Vida humana.

Lewis: Exatamente. Pais humanos dão vida humana, pais animais dão vida animal, Deus o Pai dá vida divina, que é chamada de *graça*.

Huxley: Este ponto de vista é totalmente desconhecido para os grandes místicos. Ele leva tempo e mudança muito a sério, especialmente o "antes" do díptico "antes e depois" de pecado e salvação.

Lewis: *Quod erat demonstrandum*. Exatamente o que tenho estado tentando provar. Jesus *não* ensina a mesma coisa que os gurus ensinam, especialmente nesta questão que é a mais crucial de todas.

Huxley: Gostaria de deixar essa questão de molho por um instante — a de se Jesus realmente ensinou este... este... salvacionalismo...

Lewis: Cristianismo. Você quer saber se Cristo ensinou o cristianismo.

Huxley: Não, mas deixe essa questão de lado por um instante. Quero ver até aonde você vai com as conseqüências lógicas desta idéia. Você disse que não temos a vida divina a princípio?

Lewis: Não. Não temos.

Huxley: E adquirimo-la somente se crermos?

Lewis: Sim.

Huxley: E o que acontece com os que não crêem?

Lewis: Se você não crer, não será salvo.

Huxley: Então, se você não crer no cristianismo, irá para o inferno.

Lewis: O objeto da fé não é o cristianismo, mas Cristo. "Se você não crer, não será salvo" não significa "Se sua mente pensar pensamentos errados, você irá para o inferno após morrer". Significa: "Se você se recusar a aceitar a oferta do casamento divino, será espiritualmente estéril. Se não permitir que Deus entre em sua alma, não terá vida

divina em sua alma." Na verdade, esta é a sexta diferença que eu ia apresentar: a possibilidade real do inferno, da condenação.

Huxley: Voltamos a essa doutrina infernal? Que o inferno vá para o inferno!

Lewis: Isso é o que você diz. Mas não é o que Jesus diz. Mais uma vez, isso é o que estou tentando mostrar: a diferença.

Huxley: Jesus não pode ter ensinado uma coisa terrível dessas. Deve ter sido um acréscimo posterior, talvez por aquele terrivelmente rigoroso São Paulo.

Lewis: Se quer mesmo saber, quase todas as admoestações acerca do inferno vieram de Jesus, e as únicas passagens que oferecem qualquer tipo de esperança de salvação universal vêm de São Paulo. Para verificar isso, basta ler o Novo Testamento. Gente que repete esse velho adágio apenas mostra que não o leu.

Huxley: Deixo isso sem resposta por enquanto. Mas o inferno parece completamente descabido quando se considera o restante dos ensinamentos de Jesus: amor e perdão e não-resistência.

Lewis: Não, ele necessariamente se encaixa neles, bastando para isso sua aquiescência a duas crenças inerentes ao judaísmo: a criação e o livre-arbítrio. Assim que acreditar nessas duas coisas, você terá também de acreditar no inferno.

Huxley: Vamos ver você provar isso. Como é que uma coisa é seqüência da outra?

Lewis: Se Deus criou pessoas distintas dele, verdadeiramente livres, elas *podem* livremente escolher permanecer para sempre alienadas dele. Mas se o oriente estiver certo, e Deus jamais tiver criado coisa alguma, se formos todos eternamente parte de Deus, então é claro que não pode haver alienação de Deus, não pode haver inferno algum. Não pode haver nada *exceto* Deus.

Huxley: Tudo se encaixa.

Lewis: Sim. O inferno é a conclusão lógica do pecado, do mal. A questão seis vem depois da questão... não me lembro qual era. Aquela acerca do bem e do mal.

Huxley: Então você acredita na vingança sanguinária de Deus contra os pecadores.

Lewis: Não, contra o *pecado*. Todo pecado, todo lixo espiritual, chega necessariamente ao seu devido fim, a destruição. Deus não pode permitir que lixo entre no céu. Somente se o pecador não se desgrudar do seu lixo e que irá para o fogo com ele. Deus se oferece para tirar o lixo das mãos dele, para separar o pecador do pecado para que o pecador não seja separado de Deus. Jesus é o lixeiro. Mas se formos demasiado orgulhosos para procurar o lixeiro...

Huxley: Desculpe-me por interromper seu sermão sobre lixo, mas acabei de perceber que cada uma das suas seis questões é um dualismo: ego X outro, Criador X criatura, conhecedor x conhecido, bem x mal, natureza divina x natureza humana, e inferno x céu.

Lewis: Isso mesmo. E você pode negar que estes dualismos tenham realmente sido parte dos ensinamentos de Jesus somente se inventar *outro* dualismo, que não se encontra lá: o dualismo entre o cristianismo exotérico, que é o cristianismo, e o cristianismo esotérico, que é o panteísmo. Seu cristianismo esotérico não tem nem uma sílaba textual na qual se apoiar; é pura invenção, uma hipótese para salvaguardar um dogma.

Huxley: Dogma? Que dogma?

Lewis: O dogma da unidade de todas as religiões do mundo. Mas ainda que isso fosse verdade, não poderia ser verdadeiro no caso de Jesus. Chamar Jesus de guru traz em seu bojo uma autocontradição, mesmo que ele tivesse apresentado o ensinamento esotérico do panteísmo.

Huxley: Sei que não deveria perguntar, mas agora parece ser a hora de pôr os pingos nos is. Estou vendo que nossas seis questões estão voltando para se aninhar no seu

argumento. Muito bem, qual é a autocontradição em minha idéia de que Jesus é o guru dos judeus?

Lewis: Ela faz de Jesus não um guru, mas um tolo. Supõe-se que o ensinamento exotérico de um guru seja uma versão simbólica ou mítica de seu ensinamento esotérico, apropriado para as massas ignorantes, não é mesmo?

Huxley: Bem, não é exatamente o que eu diria, mas é mais ou menos isso.

Lewis: De qualquer forma, o propósito de seu ensino é o de aproximá-los um pouco mais do ensinamento esotérico, certo?

Huxley: Certo.

Lewis: Mas o ensinamento exotérico de Jesus, do qual *temos* provas abundantes nas Escrituras, levou seus seguidores exatamente na direção errada em todas as seis dessas questões cruciais. Em outras palavras, Jesus foi um mestre tão ruim que não podia fazer o que qualquer escritor moderno assim como você pôde: falar o que realmente queria dizer para que as pessoas pudessem compreendê-lo, ou pelo menos levá-las para mais perto da verdade ao invés de para mais longe dela. Se isso é ser guru, então eu sou um bocó.

Huxley: É isso o que um guru é, e se você não reconhecer isso, é mesmo um bocó.

Kennedy: Antes que vocês dois se atraiquem, viram o que está acontecendo com o céu? **Lewis:** Por Júpiter, ele tem razão. Está ficando mais brilhante.

Huxley: Ficamos tão entretidos na discussão que nem percebemos.

Lewis: Talvez a luz que principiou a raiar na discussão nos tenha impedido de perceber a luz que começou a raiar no céu.

Kennedy: Mas você viu de onde a luz parece estar vindo?

Lewis: Que estranho! Do zênite em lugar de do horizonte.

Huxley: E não é estranho como todos simplesmente supusemos que a discussão terminaria ao nascer do sol?

Kennedy: Você tem alguma dúvida quanto a isso?

Huxley: Não. Não sei como sei isso, mas sei.

Lewis: Eu também. Acho que deveríamos passar nossos últimos minutos discutindo o negócio

inacabado que ainda nos separa. Aldous, qual é a essência de sua defesa contra meu argumento?

Huxley: Seu apego à Bíblia, sua dependência dos textos bíblicos. Estamos toda hora entrando na questão textual e a seguir deixando-a para trás. Quero pôr o Jack a salvo de seu argumento *aut deus aultomo malus* desafiando a premissa de que Jesus reivindicou ser o incomparável filho de Deus, e quero fazer isso desafiando a exatidão histórica dos textos do Novo Testamento. Como poderíamos tratar dessa questão agora?

Lewis: A questão é bem complicada no nível textual técnico, e tem sido objeto de discussões acaloradas por muitos anos. Não acho que nos será permitido rever essa longa argumentação aqui. Mas existe um segundo aspecto da questão que raramente é considerado, e poderíamos investigá-lo no espaço de poucos minutos.

Huxley: Que aspecto?

Lewis: O psicológico.

Huxley: Estamos falando de textos. Como é que você me vem com essa de psicológico? Isso é sair do assunto.

Lewis: Não. É central. São seres humanos que estudam os textos. Seres humanos têm motivos.

Huxley: Mas a maior parte do estudo textual é científico e objetivo. Tem parte que até é matemática. Tem parte que é trabalho para computador. Os cálculos não mentem.

Lewis: Não, mas mentirosos calculam.

Kennedy: Ele pegou você com essa, Aldous. O fator humano está sempre presente.

Lewis: E, na realidade, a maior parte da crítica bíblica modernista *não* tem sido científica e objetiva, conforme alega ser. Quase sempre aborda o texto tendo em mente, *a priori*, dogmas religiosos e suposições incontestadas, notadamente, a descrença em milagres. Do ponto de vista psicológico, a reconstrução modernista dos textos parece muito ser uma camuflagem dos dados para acomodar a teoria *a priori*, alterando as provas, adulterando as fitas.

Huxley: Você não faz a mesma coisa vindo da direção oposta? Você acredita em milagres, e por isso aceita as histórias de milagres. Por que isso não é preconceito tanto quanto o outro lado?

Lewis: Porque os textos são histórias de milagres. Não acrescento milagres a eles; os modernistas os subtraem.

Huxley: Porque acham que a igreja primitiva os acrescentou.

Lewis: E especialmente a reivindicação feita por Jesus de ser divino?

Huxley: Sim. É por essa reivindicação que o seu argumento *aut deus aut homo malus* funciona. Afirmando que Jesus nunca reivindicou ser divino, que escritores posteriores impingiram-lhe essas palavras, e não vejo como você pode possivelmente refutar isso agora, dois mil anos mais tarde.

Lewis: Acho que esse argumento é refutável. Considere o seguinte: o modernista tem de dizer que os escritores do Novo Testamento eram ou obtusos ou deliberados mentirosos, muito maus.

Huxley: Isto está-me cheirando ao seu argumento *aut deus aut homo malus* de novo. Por que ou uma coisa ou outra?

Lewis: Porque, se acharam que Jesus reivindicou ser Deus quando ele não o fez, devem ser muito obtusos. Eles eram judeus, e não hindus, lembra-se? Não há ninguém no mundo menos capaz de confundir o Criador com a criatura do que um judeu, e ele é menos capaz de confundir o Criador com qualquer criatura do que confundir quaisquer duas criaturas. A primeira diferença é infinita, a segunda é apenas finita. Por outro lado, se os escritores do Novo Testamento sabiam que Jesus não havia realmente reivindicado ser Deus e falsificaram a história para dizer que ele fez isso, então não apenas são mentirosos deliberados mas impingiram ao mundo a maior petra, a maior mentira, a maior falsificação de toda a história.

Huxley: Como pode ter certeza de que não foi exatamente o que fizeram? Não pode interrogá-los dois mil anos depois. Você não tem evidência concreta. Lewis: Mas considere o que essa hipótese acarreta necessariamente.

Huxley: O quê?

Lewis: O absurdo psicológico de santos viverem e mártires morrerem por causa de uma piada blasfema e idiota.

Huxley: É uma pena, mas erros trágicos acontecem.

Lewis: Mas o que poderia possivelmente ter motivado a criação original da mentira? Que benefício isso trouxe aos inventores? Perseguidos, exilados, torturados, encarcerados e mortos, foi isso que lucraram. Gente que mente e logra, especialmente quando a mentira é tão engenhosa e completa e sistemática, sempre o faz por uma razão, um motivo, por alguma vantagem pessoal. Quem fez isso e por que motivo?

Huxley: Parece mesmo psicologicamente improvável. Não, a maioria dos modernistas não segue essa linha de pensamento. Eles não acham que os textos foram embustes deliberados, mas mitos.

Lewis: Isso é mais absurdo ainda, tanto literária quanto teologicamente. Literariamente porque os

Evangelhos simplesmente não são escritos como mito, mas como história. Teologicamente, porque não seria possível que judeu algum confundisse Criador com criatura de forma tão blasfema.

Kennedy: Lewis, você disse que desejava investigar o ângulo psicológico do ataque aos textos. Se a posição modernista é tão absurda quanto você a faz parecer, qual o motivo que você vê por trás do fato de tantas pessoas cultas aceitarem tais absurdos?

Lewis: Deve ser um motivo muito forte para se chapinhar com tanta alacridade nessas poças enlameadas de absurdo. Acho que deve ser um motivo religioso.

Kennedy: Motivo religioso! Pensei que era para *evitar* a religião no sentido tradicional. É de humanistas que estamos falando, e, de acordo com os *seus* padrões, o humanista não é religioso mas irreligioso.

Lewis: Todo mundo tem algum tipo de religião, algum fim. A religião da sociedade moderna é o igualitarismo, a democracia, a fraternidade, a própria sociedade.

Huxley: Você está falando da conformidade.

Lewis: Sim. Ser aceito. Ser popular. Ser parte da comunidade. É um ideal radicalmente novo no ocidente moderno, segundo escreveu Riesman em *The Lonely Crowd* ("A Multidão Solitária"), mas isso é apenas a versão moderna de uma resposta muita antiga à indagação quanto ao valor final, ou o *sutnum bonum*. Os antigos chamavam-no de "honra", ser respeitado pelos outros por se superior de alguma forma. Ainda desejamos a mesma coisa — respeito e aceitação por parte dos outros — mas conseguimos isso não sendo diferentes, mas sendo iguais.

Huxley: Essa questão tem sido provada por muitos observadores da sociedade moderna: Nietzsche, Kierkegaard, Orwell, Ortega y Gasset... até mesmo um certo Aldous Huxley. Como está ela ligada à teologia modernista?

Lewis: O mundo moderno teme o elitismo, e reivindicações elitistas. Ora, a ética cristã não é tão elitista,

tão nítida, quanto a teologia cristã. O amor se encaixa na religião igualitária do mundo moderno muito melhor do que a fé, se estivermos falando de fé no Deus revelado na Bíblia, não de uma fé em uma força vaga fruto de sua própria imaginação, ou fé na fé. Quase todo mundo admite as reivindicações de amor, pelo menos em princípio se não na prática; mas somente os crentes admitem as reivindicações da fé.

Huxley: É verdade. Mas, como isso se aplica a Jesus?

Lewis: Quase todo mundo concorda com os ensinamentos éticos de Jesus, porque são muito parecidos com os de Buda, de Lao-Tzu e dos outros...

Huxley: Então você admite que ele é um dos gurus!

Lewis: No que tange à sua ética, sim. Mas sua reivindicação de divindade é única, e ofensiva. Assim, se você conseguir apenas classificar Jesus junto aos outros mestres éticos e se esquecer de que ele reivindicou ser divino, nada há que o impeça de aceitar o humanismo. Pode classificar Cristo com os outros gurus e o cristianismo com as religiões do mundo. Assim se remove o odium de distinção, a nódoa de elitismo, o escândalo de estar certo onde os outros estão errados. Você satisfaz as exigências do seu deus Igualitarismo.

Huxley: Hummm... Quer o que diz seja ou não verdade.você certamente deu-me um enigma, talvez um *koan*, com certeza muito em que pensar. Sinto que precisaria de um pouco mais desse — pensar — antes de continuar falando com você. Para mim, de qualquer forma, nosso diálogo parece ter chegado ao fim, talvez um ponto crítico.

Lewis: Talvez um começo.

Kennedy: Tenho de confessar, Lewis, que você me faz sentir muito pouco à vontade, por vezes até com raiva. Precisa fazer uma análise tão sentenciosa dos motivos dos outros?

Lewis: Conforme já disse anteriormente, se a carapuça servir, use-a. Os argumentos lógicos parecem apontar tão claramente contra o modernismo que a gente precisa perguntar o que poderia ter motivado alguém a aceitar tal tolice. O que vai por trás da engenhosa tentativa de justificar o injustificável? Quero trazer isso à tona porque desconfio que poderia ser, em muitos casos, algo muito mais sério do que mera falácia lógica ou erro de erudição.

Kennedy: O quê?

Lewis: Uma enfermidade espiritual.

Kennedy: Cuidado! Lembre-se do conselho de Jesus: "Não julgueis, para que não sejais julgados."

Lewis: Eu julgo a mim mesmo em primeiro lugar. Acontece que sei algo acerca desta enfermidade porque já fui vítima dela. Eu também sou filho de Adão.

Kennedy: Qual é a enfermidade?

Lewis: Alguns teólogos a chamam de *ignorância vencível*. Um termo menos técnico é *desonestidade*. Estou-me referindo ao ato de olhar deliberadamente na outra direção ou mudar a verdade quando ela o ameaça.

Kennedy: Você está-nos acusando de desonestidade? Só porque discordamos de você?

Lewis: Claro que não. Na verdade, fico muito feliz por ver que os dois parecem tão abertos e genuinamente curiosos acerca deste importantíssimo problema. Tampouco estou dizendo que todos ou a maioria dos modernistas ou humanistas é desonesta. Estou simplesmente fazendo as vezes de profeta e avisando-os contra esse erro.

Huxley: Não seria bom avisar a si mesmo também?

Lewis: Claro. Faço isso continuamente. De fato, escrevi um poema para esse fim. Posso citá-lo agora?

Kennedy: Por favor, faça isso.

Lewis: Não gosto de citar o que eu mesmo escrevi, mas isto parece apropriado para o momento, embora seja quase

manhã e o poema seja intitulado "A Prece Vespertina do Apologista".

Huxley: Talvez tanto a manhã quanto a noite sejam realmente uma só coisa, ou símbolos opostos da mesma realidade: da verdade, a luz que vem na mais profunda escuridão, a vida que vem ao ponto de morte da noite.

Lewis: Que pensamento profundo, Aldous! Pelo menos seus professores não são tolos.

Huxley: Poderia citar o poema agora?

Lewis: Sim.

De todas as minhas pobres derrotas e oh! de muito mais, eu sei,

De todas as vitórias que aparentemente conquistei,
Da sagacidade que em Teu favor demonstrar consegui,
À qual, enquanto pranteiam anjos, o auditório ri;

De todos os meus esforços para Tua divindade provar,
Tu, que não concedeste um sinal, vem me livrar.

Pensamentos como moedas são. Que eu não confie, em lugar
De confiar em Ti, na imagem gasta de
Tua face neles a brilhar.

Dos pensamentos todos, até os que acerca de Ti venha
a ter,

Ó tu, belo Silêncio, cai, e vem libertar meu ser.

Do fundo da agulha e da estreita porta o Senhor,

Livrar-me vem do vão saber para a morte não ser meu
penhor.

Kennedy: Digo amém a isso. Qualquer que seja a resposta de Deus, essa é a minha prece também.

Huxley: Nenhuma pessoa honesta poderia discordar disso. Qualquer que seja o resultado da argumentação, precisamos prosseguir com ela para ir atrás da verdade, e precisamos ir atrás da verdade para irmos atrás da luz.

Lewis: Se você realmente acredita nisso, então estamos juntos nisto, em nosso amor pela luz.

Kennedy: Olhem! A luz! Está chegando!

Huxley: Precisamos segui-la... Oh! É brilhante demais. Jamais percebi como é difícil segui-la. É como o nascer do sol.

Kennedy: Não, é... é...

Lewis: É ele, a Brilhante Estrela da Manhã. Aí vem!

A Luz: Vamos?

EPÍLOGO

O apelo final que Lewis dirigiu a seus dois amigos é claramente o apelo que Deus dirige a toda criatura racional a cada instante: o apelo para enfrentar a verdade, resistir à tentação de ignorar perguntas perturbadoras, vencer o temor de estar errada, aceitar o convite da vida para crescer, mudar de idéia e de vida por causa da verdade, e talvez até mesmo a própria natureza se a verdade for a de que é necessário "nascer de novo".

Conforme Lewis diz em seu poema, nosso julgamento deve começar em casa. As palavras mais difíceis de serem ouvidas da boca de um escritor são estas: "Eu estava errado", especialmente quando o assunto é religião. Mas estas são as palavras que *todos* devem falar diante de Deus quando o encontrarmos. *Ninguém* consegue cercear a Deus. "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam." Já que todos nós precisamos nos defrontar com a Luz e confessar onde estivemos errados, é melhor começarmos a praticar desde agora, antes que nos defrontemos com a Luz pela última vez.

Toda vez que o encontramos agora, sempre que uma nova verdade brilha em mentes antigas, essas mentes precisam romper-se para crescer. O vinho novo rompe os velhos odres e exige odres novos. O vinho novo é Cristo, e os velhos odres são a velha terra (que foi rompida na Encarnação) e o nosso velho homem (que foi rompido no novo nascimento). É para essa ruptura, essa incursão espiritual pelo nosso ser adentro, esse "casamento espiritual", que ele veio. Para isso fomos criados. Talvez seja para isso que todo o universo tenha sido criado. E é para isso que ele arranja continuamente todos os eventos do universo e de todas as vidas humanas mediante a sua providência — até mesmo eventos tão improváveis quanto argumentações lógicas.

NOTAS

¹ Uma palavra de explicação sobre o termo *humanismo*. Ele pode ser usado de três maneiras diferentes. (I) Em seu sentido mais lato, como herança da Grécia e Roma antigas, significa a importância e valor do Homem, especialmente em oposição à Natureza. Neste sentido, ele não apenas é compatível com o teísmo bíblico tradicional, como é um ingrediente dele. (2) Em seu sentido mais restrito, como produto do secularismo e ateísmo modernos, especialmente desde a Revolução Francesa, ele significa o Homem tomando o lugar de Deus. Neste sentido, ele não apenas é incompatível com o teísmo como também passa a ser seu maior inimigo. (3) Entretanto, esse termo também é usado com frequência em um terceiro sentido, situado entre os dois primeiros, e que é também distintamente moderno: dá mais ênfase ao Homem do que a Deus; à atividade social "horizontal" mais do que à experiência religiosa vertical; e à religião sem revelação, sem o sobrenatural, dogma, milagres, mistério ou autoridade. É neste último sentido que o usamos aqui.

² N. do Trad.: O estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, é conhecido pelo seu sotaque característico e pelo grande número de católicos entre seus habitantes.